

THIAGO JOHN VIEIRA  
FERNANDA BARD CHAGAS  
MARINA DUFAU TUCHE  
ROBSON TEIXEIRA DE ALMEIDA  
ARTUR FOLGIARINI PINHEIRO  
LAURA LOPES DE CARVALHO

---



# FILHO DO MINUANO

---

SÃO PAULO | 2026

THIAGO JOHN VIEIRA  
FERNANDA BARD CHAGAS  
MARINA DUFAU TUCHE  
ROBSON TEIXEIRA DE ALMEIDA  
ARTUR FOLGIARINI PINHEIRO  
LAURA LOPES DE CARVALHO

---



# FILHO DO MINUANO

---

SÃO PAULO | 2026

1.<sup>a</sup> edição

**Autores**

Thiago John Vieira  
Fernanda Bard Chagas  
Marina Dufau Tuche  
Robson Teixeira de Almeida  
Artur Folgiarini Pinheiro  
Laura Lopes de Carvalho

**FILHO DO MINUANO**

ISBN 978-65-6054-346-1



FILHO DO MINUANO

1.<sup>a</sup> edição

SÃO PAULO  
EDITORA ARCHÉ  
2026

**Copyright © dos autores e das autoras.**

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença *Creative Commons Internacional* (CC BY-NC 4.0).



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

F478 Filho do minuano [livro eletrônico] / Thiago John Vieira... [et al.]. – 1. ed. – São Paulo, SP: Editora Arché, 2026.

Formato: ePUB

Requisitos de sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-6054-346-1

1. Literatura brasileira. 2. Pampa – Vida e cultura. 3. Ficção brasileira. I. Vieira, Thiago John. II. Chagas, Fernanda Bard. III. Tuche, Marina Dufau. IV. Almeida, Robson Teixeira de. V. Pinheiro, Artur Folgiarini. VI. Carvalho, Laura Lopes de.

CDD 869.93

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Revista REASE cancelada pela Editora Arché.

São Paulo- SP

Telefone: +55 55(11) 5107-0941

<https://periodicorease.pro.br>

[contato@periodicorease.pro.br](mailto:contato@periodicorease.pro.br)

1ª Edição- *Copyright* © 2026 dos autores.

Direito de edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do (s) seu(s) respectivo (s) autor (es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referenciais bibliográficos são prerrogativas de cada autor (es).

Endereço: Av. Brigadeiro Faria de Lima n.º 1.384 — Jardim Paulistano.

CEP: 01452 002 — São Paulo — SP.

Tel.: 55(11) 5107-0941

<https://periodicorease.pro.br/rease>

[contato@periodicorease.pro.br](mailto:contato@periodicorease.pro.br)

Editora: Dra. Patrícia Ribeiro

Produção gráfica e direção de arte: Ana Cláudia Néri Bastos

Assistente de produção editorial e gráfica: Talita Tainá Pereira Batista e José Rafael Santos da Silva

Projeto gráfico: Ana Cláudia Néri Bastos,

Ilustrações: José Rafael Santos da Silva, Ana Cláudia Néri Bastos e Talita Tainá Pereira Batista.

Revisão: Ana Cláudia Néri Bastos, José Rafael Santos da Silva e Talita Tainá Pereira Batista.

Tratamento de imagens: Ana Cláudia Néri Bastos

## **EQUIPE DE EDITORES**

### **EDITORA- CHEFE**

Dra. Patrícia Ribeiro, Universidade de Coimbra- Portugal

### **CONSELHO EDITORIAL**

Doutoranda Silvana Maria Aparecida Viana Santos- Facultad Interamericana de Ciências Sociais - FICS

Doutorando Alberto da Silva Franqueira-Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)

Me. Ubiranilze Cunha Santos- Corporación Universitaria de Humanidades Y Ciências Sociales de Chile

Doutorando Allysson Barbosa Fernandes- Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)

Doutor. Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra- Universidad del Sol do Paraguai- PY

Me. Victorino Correia Kinhama- Instituto Superior Politécnico do Cuanza Sul-Angola

Me. Andrea Almeida Zamorano- SPSIG

Esp. Ana Cláudia N. Bastos- PUCRS

Dr. Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

PhD. Diogo Vianna, IEPA

Dr. José Fajardo- Fundação Getúlio Vargas

PhD. Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

Dra. María V. Albaronedo, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Dra. Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

Dr. José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

PhD. Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Dra. Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

Dra. Sandra Moitinho, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Eduardo José Santos, Universidade Federal do Ceará,

Dra. Maria do Socorro Bispo, Instituto Federal do Paraná, IFPR

Cristian Melo, MEC

Dra. Bartira B. Barros, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Roberto S. Maciel- UFBA

Dra. Francisne de Souza, Universidade de Aveiro-Portugal

Dr. Paulo de Andrada Bittencourt – MEC

PhD. Aparecida Ribeiro, UFG

Dra. Maria de Sandes Braga, UFTM

## **DECLARAÇÃO DOS AUTORES**

Os autores se responsabilizam publicamente pelo conteúdo desta obra, garantindo que o mesmo é de autoria própria, assumindo integral responsabilidade diante de terceiros, quer de natureza moral ou patrimonial, em razão de seu conteúdo, declarando que o trabalho é original, livre de plágio acadêmico e que não infringe quaisquer direitos de propriedade intelectual de terceiros. Os autores declaram não haver qualquer interesse comercial ou irregularidade que comprometa a integridade desta obra.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Editora Arché declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art.º 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *ecommerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## PREFÁCIO

Há histórias que a História registra; e há histórias que ela deixa na sombra. Este romance nasce desse encontro: é ficção, mas caminha sobre o chão firme de acontecimentos reais — como a Guerra do Paraguai — e sobre memórias coletivas que ainda ecoam.

Para compor a narrativa, tomamos liberdades criativas: personagens, conversas e certos episódios foram construídos para dar voz ao drama humano por trás dos fatos. Que o leitor atravesse estas páginas sabendo: aqui, a verdade histórica inspira; a imaginação costura.

“É no lombo do cavalo que se firma a rédea na mão”



## **FILHO DO MINUANO**



**SON OF THE MINUANO**

**IJO DEL MINUANO**

# SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 01.....</b>	<b>16</b>
FILHO DO MINUANO	
<b>CAPÍTULO 02.....</b>	<b>32</b>
O PERDÃO EM PAPEL, O INFERNO EM MARCHA	
<b>CAPÍTULO 03.....</b>	<b>50</b>
CINZAS	
<b>CAPÍTULO 04.....</b>	<b>72</b>
FOME, FEBRE E A NOITE DOS URUBUS	
<b>CAPÍTULO 05.....</b>	<b>84</b>
A ÚLTIMA FOGUEIRA DO SUL	
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>95</b>

## **CAPÍTULO 01**

### **FILHO DO MINUANO**

**FILHO DO MINUANO**

Nasceu sob um vento que cortava como lâmina. O minuano varria os morros de Porto Alegre e deixava a cidade com cheiro de terra molhada, couro e pólvora. Joaquim Chagas veio ao mundo sem nome herdado, sem mãos que o embalassem por mais de uma noite. Não teve pai, nem mãe de rosto lembrado; teve, sim, o mundo áspero que não perdoa os fracos. Foi o próprio vento que lhe ensinou a curvar o corpo para não tombar, e o silêncio das madrugadas lhe ensinou a escutar o que a maioria não ouve: o ranger de uma sela, a respiração de um cavalo, o passo leve de um ladrão.

Quem o recolheu foi um mercador de cavalos que conhecia o pampa como se fosse sua própria cicatriz. Um homem de mãos rachadas e olhos que avaliavam tudo: a crina, o casco, a alma dos potros e a teimosia dos garanhões. Não falava de ternuras, falava do preço do couro, falava de marcas no lombo e do valor de uma vida montada em galope. Joaquim cresceu entre arreios e crinas, entre fardos de sal e baldes d'água, aprendendo desde cedo que a bondade do mundo era como um cavalo selvagem: conquistada no braço, na paciência e, quando necessário, na violência.

A casa do mercador ficava no sopé de um morro de capim ralo, numa rua que às vezes era barro, às vezes poeira. Ao amanhecer, quando o Guaíba ainda tremia com o frio da noite, Joaquim já estava de pé, o rosto corado de vermelho pelo vento e pelo serviço que lhe cabia. Varria o pátio, alimentaria os animais, limparia os cascos. Depois vinham as montarias. O

mercador o lançou sobre o lombo de um baio arisco e disse, sem olhar:

— Cai, mas cai pra frente.

Foi assim que ele aprendeu a galopar, som de casco em pedra, o coração se acelerando como tambores de um exército que ainda não tinha rosto.

Não havia história de afeto em seus dias, havia apenas o trabalho. A sela, no princípio, pesava mais que seu corpo. As rédeas feriam as mãos. O baio queria derrubá-lo a cada curva. Joaquim respondia com o que possuía: a inconformidade de um órfão que só conheceu o empurrão e o desprezo. Passou a ouvir o cavalo, mais do que a mandar nele. Sentia o tremor no flanco, a tensão no couro, a indecisão na orelha. E então, o galope ficava limpo, era uma conversa muda entre dois seres que se entendiam pelo calor e pela força.

Depois, vieram outros: um tordilho cansado, um alazão com fogo nos olhos, um pangaré teimoso que respeitava só quem conhecia a teimosia da vida. Com todos eles, Joaquim dialogou com o corpo. E venceu.

A arma chegou como chegam as verdades, fria e sem rodeios. Num entardecer de julho, o mercador tirou de trás da porta uma velha carabina de percussão, madeira gasta, ferro manchado de muitas noites.

— Não há cavalo sem ladrão. — disse, com a voz que sempre soou como cascalho sob botas. — E não há ladrão sem medo.

O mundo de Joaquim mediu-se pelo peso da carabina. Ele a ergueu, sentiu o ombro vibrar, olhou pelo ferro tosco da mira e percebeu que ali, naquele silêncio de pólvora, havia uma resposta para tudo que a vida lhe havia negado.

Aprendeu no duro. O mercador o mandava para o campo mais alto dos morros, onde a vista abraçava Porto Alegre, telhas vermelhas, fumaça de cozinhas, a linha larga do Guaíba brilhando como lâmina. Considerava o vento não inimigo, mas conselheiro. Com ele, os tiros erravam, apostando no acaso. Contra ele, aprendia a prender a respiração, a contar no peito, a sentir o momento em que a mira, o dedo e o destino se tornavam uma coisa só. O primeiro tiro que acertou um alvo foi numa lata velha pendurada num poste. Soou o estalo, a lata dançou e a lataria devolveu um tombo metálico.

O mercador não sorriu. Apenas disse:

— Agora acerta quando houver olhos por trás da lata.

A noite trazia ladrões aos arredores. Vinham em dois, três. Vinham de pé descalço, vinham nas sombras que se alongavam entre os capões de mato. Sabiam que o mercador guardava animais de raça, e sabiam que a polícia, ali, tardava. Joaquim vigiava com paciência de quem aprendeu cedo a não se distrair. Deitado no pasto, o ouvido colado à terra, reconhecia vibrações, conversas baixas, o roçar do couro no capim. Às vezes, tudo passava como ameaça sem coragem. Outras vezes, o destino pedia o som seco da carabina e o galope que acorda os vizinhos. Não contava mortes, contava recuos. Não tinha prazer no sangue, tinha respeito nas fronteiras. E quando a palavra falhava, o ferro da arma falava por ele, alto, para que todos soubessem que ali vivia alguém que não tinha para onde correr e que, por isso, não recuava.

Entre o cavalo e a arma, Joaquim foi ficando mais forte. Não por gosto, mas por necessidade. Braços que domavam cilhas, costas que

carregavam sacos de ração, pernas que aprendiam a equilibrar-se mesmo quando o mundo parecia inclinar-se para o abismo. Os morros de Porto Alegre, com suas ruas tortas e seus bairros crescendo sem pedir licença, eram seu ginásio e seu templo. Havia no céu uma promessa de tempestade e nas ruas um rumor de tempos conturbados. Homens falavam de política como se falassem de uma guerra distante que um dia alcançaria as fronteiras. Joaquim escutava sem se importar: seu mundo era feito de cascos e chumbo, de trabalho e silêncio.

Ainda assim, a cidade também o chamava. Às vezes, descia o morro, cruzava o mercado, sentia o cheiro de peixe e de sal, de velas e de carnes secas. Via os homens do porto, os barqueiros, a gente que vinha do interior levando charque e esperança. Dentro ele tinha apenas uma curiosidade bruta, como um cavalo que queria correr sempre adiante, descobrir o que vem depois da curva.

O mercador o segurava curto:

— Menino sem pai se perde fácil. — Repetia. — Menino que aprende a atirar não pode se distrair.

E Joaquim retornava aos morros, ao seu campo de batalhas, à sua escola áspera.

Uma noite, o céu baixou como tampão de ferro. Relâmpagos cruzavam a distância e enxergava-se, ao longe, o Guaíba talhado em prata por raios que pareciam marteladas de algum gigante inquieto. Foi então que vieram três homens. Joaquim os viu como se os morros lhe contassem um segredo. Estavam na sombra, mas a sombra não os escondia: o cheiro de suor, o som de couro, o olhar de quem pesa riscos. Pararam junto ao

cercado, testaram o arame com dedos acostumados à pressa.

— Vamos tirar só um — disse um deles, e a voz era de quem já estava dentro do crime há muito tempo. — Amanhã falamos com quem entende.

O mercador dormia no interior da casa, o corpo cansado e sem sonhos. Joaquim levantou, pegou a carabina, sentiu o seu peso agora familiar.

Não gritou. Não fez alarde. Encostou o rosto na madeira e deixou o mundo se calar, como quem segura a respiração antes de mergulhar. O vento passou e trouxe o cheiro da chuva, e com ele a coragem. A arma falou uma única vez. O som correu pelos morros, acordou cachorros e medos. Não foi uma bala para matar, foi para lembrar. Atingiu o poste, estilhaçou a placa velha que marcava o limite da propriedade. Os homens não correram, apenas recuaram levemente. Mediram, hesitaram, recuaram mais. Um deles murmurou um impropério que o vento levou. E foram embora, sabiam que ali havia um adversário que não tinha medo da luta.

Joaquim já se recolhia quando a chuva caiu grossa, pesada, lavando a noite e a pólvora. Joaquim guardou a arma, encostou a cabeça na porta e ouviu o mercador acordar, resmungar, dizer com voz de quem já é grito:

— Você não mata sem necessidade.

— Eu não matei. Só pus uma linha no chão. — Joaquim respondeu sem hesitar.

O homem assentiu. Não havia elogios naquele lugar. Havia as marcas invisíveis de quem entende quando a vida é mantida na força e no respeito.

A infância de Joaquim foi isso: um inventário de cicatrizes. Algumas na pele, a maioria por dentro. Cada montaria, uma lição. Cada disparo, um segredo. Aprendeu a reconhecer nuvens e seus humores, entendeu que certos ventos anunciam perdas e que a maresia do Guaíba carrega histórias de quem chegou e de quem partiu sem se despedir. E o menino de olhos duros e coração rápido foi crescendo, não em bondade, mas em firmeza. Quando outros meninos brincavam com pedrinhas e barcos de papel, Joaquim treinava o galope com o corpo inclinado, rosto baixo, o mundo correndo por debaixo de si como um rio. Quando outros meninos aprendiam canções, ele repetia a liturgia da pólvora: os dedos pacientes, mira baixa, tiro curto.

Às vezes, encostava a mão na crina de um cavalo e sentia, ali, uma paz que não se sabia convidada. O animal respirava como se dissesse “confio em ti”, e, por um momento, todo o resto, o vento, o ladrão, o mercador, o silêncio, se calava. Era nesses instantes, raros como estrelas em noites de tempestade, que Joaquim imaginava que talvez a vida pudesse ser outra coisa que não luta. Mas então o mundo lembrava-lhe o que ele era: filho de ninguém, aprendiz de tudo, guardião de um patrimônio que não era seu e de uma dignidade que tinha de construir com os próprios punhos.

Quando completou quinze anos, já montava como homem feito. O mercador, que não gastava palavras com joias sentimentais, passou-lhe um arreio melhor, couro bem trabalhado, fivela firme.

— Agora não cai — disse, seco.

Joaquim não sorriu. Encaixou o arreio, montou, sentiu o baio sob

si, como se a terra tivesse ganho musculatura. O galope que se seguiu foi um desafio ao próprio céu: ele voou sobre o capim, saltou o pequeno arroio, fez o morro parecer plano. Se alguém o visse à distância, diria que o menino e o cavalo se faziam um ser só. E era verdade. Em cima da sela, Joaquim descobria que sua força não era apenas a dureza da mão, mas o acordo silencioso entre sua vontade e a vontade brava do mundo.

As armas também mudaram. A velha carabina ainda servia, mas às vezes, por puro capricho do destino, o mercador deixava um revólver na mesa, metal negro, cabo liso. Joaquim o pegava com respeito. Aprendeu o peso diferente, a resposta rápida, a dança do recuo. Não devia se gabar, e não se gabava. Aprendeu a atirar não para se orgulhar, mas para manter o que lhe cabia: noites de sono, o pasto em paz, os cavalos íntegros. Se havia glória ali, era a glória murcha dos que sobrevivem. E ainda assim, no fundo, um fogo antigo lhe ardia, aquele fogo que pede mais, que pede uma estrada, que pede um destino maior do que o cerco de um cercado.

Chegou, por fim, uma manhã em que o vento pareceu trazer palavras de longe. Homens contavam que na fronteira, em terras que o menino não sabia nomear com exatidão, já se juntavam armas e vontades. Falava-se de guerra com o Paraguai como se falava de safra: com cálculos, com perdas, com um inevitável gosto de ferro na boca. Joaquim ouviu sem mostrar nada. Mas o coração, este, ouviu como quem reconhece o tambor de um chamado. Não era apenas a vontade dos outros que se organizava; era a sua própria, alta, apressada, vibrando como o trote de um cavalo que não aceita cerca.

Por enquanto, porém, havia os morros. Havia os ladrões. Havia o

mercador e seu silêncio. Havia o menino que se tornava homem no compasso rude de uma cidade que crescia sem cuidar de seus órfãos. Joaquim Chagas foi forjado ali, na bigorna da necessidade, martelado por vento, chuva e dever. Era exímio cavaleiro porque nunca teve onde cair. Era bom de tiro porque nunca teve quem o protegesse. E onde outros viam apenas paisagens, ele via mapas, caminhos, desvios, emboscadas e possibilidades.

Na beira do crepúsculo, com o Guaíba brilhando a oeste, ele ergueu os olhos e imaginou que, um dia, correria não pelos morros da infância, mas por campos que nenhum dos vizinhos sabia nomear. O vento soprou, cortante. Joaquim não se curvou. Apenas apertou os dedos no couro. O menino que o mundo tentara quebrar tinha aprendido uma coisa que não se ensina: a não pedir licença ao destino.

A Rua da Praia fervilhava como veia aberta em corpo de cidade. A Guerra com o Paraguai estendia braços invisíveis e, por esses braços, chegavam sacas, fardos, cartas, rumores. Os carregadores passavam aos tropeços, os caixeiros gritavam preços como se fossem pregões de vitória. O cheiro era mistura de pão quente e maresia, ferrugem e sonho.

Foi ali, no tumulto domesticado pelo costume, que Joaquim conheceu o que nunca aprendera em sela, em pólvora, em vento: o amor. Ela saiu da padaria com o avental ainda polvilhado de farinha, o cabelo preso de um jeito simples que não escondia a coragem dos olhos. Chamava-se Isabel: nome curto, firme, que parecia esculpido para atravessar noites e martelos do destino. Filha de um dono de padaria que contava notas com dedos cheios de calos e tinha orgulho do forno como

outros homens tinham de suas armas. Isabel cheirava a pão tirado há pouco da boca do fogo e, quando sorria, a Rua da Praia se calava por um segundo, como se o mundo lembrasse que também sabia ser leve.

Joaquim a viu como quem enxerga uma nascente depois de semanas no deserto. Não falou de imediato. A vida lhe ensinara que as palavras são setas: acertam, mas podem ferir. Acompanhou de longe, o passo discreto, o coração que já galopava como cavalo sem freio. Isabel entregava broas a uma velha, passava moedas a um marinheiro, negociava com firmeza com um comerciante de chapéu grande. Nenhuma dessas coisas a diminuía; todas a iluminavam. E quando seus olhos finalmente encontraram os dele, não houve trompete, não houve decreto de céu, houve apenas o reconhecimento. Foi um instante puro, e, no fundo desse instante, Joaquim entendeu que sua força de sempre, aquela que o mantivera em pé nos morros e nas madrugadas, valia menos do que a delicadeza que agora o atravessava.

Começaram com pouco: um cumprimento, um pão repartido ao meio, uma conversa sobre vento, sobre as ondas do Guaíba, sobre cavalos que temem as pontes e homens que temem se confessar. Isabel ria da timidez bruta de Joaquim, e ele sorria do jeito que só sorrira para cavalos: sem medo, sem pressa. Passaram a se ver nas manhãs, quando a rua acordava, e nas tardes, quando o sol carregava sombras para o leito do Guaíba. Isabel falava do forno como quem fala de altar; Joaquim falava da sela como quem descreve um pássaro que aprendeu a amar. Ela lhe ensinou que o pão tem tempo próprio, como o amor. Ele lhe ensinou que o cavalo atende quem sabe ouvir, como o coração. Em cada encontro, uma ponte.

Em cada palavra, uma promessa. Aos 21 anos, Joaquim descobria que a vida, além de dura, podia ser generosa.

A cidade crescera com a guerra como plantaço cresce com chuva indecente: rápido, desordenado, ansioso. O comércio inchava, os navios chegavam carregados de urgências, os homens fabricavam destinos com pressa e medo. Ainda assim, na beira do Guaíba, quando o sol deitava sua espada sobre a água e fazia o rio parecer um aço líquido, havia paz. Era ali que Joaquim e Isabel se reuniam, longe da gritaria da Rua da Praia, longe do cheiro de ferro das embarcações. Conversavam de coisas simples: das nuvens que prometiam tempestades, do canto dos pássaros que buscavam abrigo, do gosto do pão recém-saído, da coragem que nasce não da violência, mas da ternura.

Numa dessas tardes, o céu carregava um peso de chumbo e a água tremia sob vento. Joaquim, com o cuidado de quem segura um potro bravo, levou Isabel pela margem, mostrava-lhe onde as pedras se escondiam sob a pele da correnteza. Foi quando o mundo, ciumento como velho dono, decidiu que não haveria paz ali naquele dia.

Ele surgiu cambaleante, vestido em sobras de luxo e restos de noite. Filho de médico conhecido, a fama lhe servia como casaco e como veneno. O rosto trazia o rubor dos que bebem sem medida, e os olhos, o facho curto dos que confundem poder com direito.

O rapazola, um infelizmente conhecido de Isabel, frequentava a padaria com assiduidade medida. Sempre acostumado a ter seus desejos atendidos, recusava a deixar a menina em paz, uma vez que ela se mostrava tão indiferente aos seus avanços. Sempre encontrava uma forma de

encurralar a moça, e nesse momento, encontrando-a tão à vontade com Joaquim, encarou o casal como se encarasse inimigos, e o ciúme, esse demônio sem bandeira, fez morada imediata em seu peito.

— Isabel — disse com voz mole, que tentava ser firme e falhava. -Então a sua preferência é essa gatinha de morro?! Sem pai nem nome??  
— A palavra foi lâmina e lodo.

Joaquim não recuou nem avançou. Pôs-se entre Isabel e o intruso, como sempre fizera entre seus cavalos e os ladrões: firme, silencioso, com o corpo dizendo mais que a boca poderia. O jovem riu, um riso oco, e jogou o corpo para cima de Joaquim. Não foi duelo, não foi briga; foi tempestade em copo de veneno.

O empurrão veio como quem tenta arrancar uma cerca com as mãos. O mundo demorou um segundo a acontecer, um milagre negativo que só existe quando a fatalidade já decidiu. O filho do médico tropeçou, perdeu o eixo, foi para trás. Na beira do Guaíba, a vida e a morte se encontram com menos cerimônia do que deveriam. A cabeça bateu numa pedra pontiaguda, escondida sob a água rasa, uma ponta cruel que queria ser lembrada. O som não foi alto; foi profundo, definitivo. O corpo tombou, o sangue encontrou caminho na água, a tarde perdeu a cor.

Joaquim não fugiu. Ficou ali, o coração batendo em tiros. Isabel, pálida, levou a mão à boca, um tremor que era mais reza que pavor. O mundo, que muitas vezes exige explicações, naquele dia pediu apenas silêncio. Mas a cidade, essa perita em multiplicar vozes e julgamentos, não esperou o tempo necessário. Alguém viu, alguém inventou, alguém acusou. O morto tinha nome pesado, tinha pai com influência, tinha amigos

que não quiseram ouvir histórias de acidente. O órfão tinha vento, tinha braços fortes, tinha passado de quem já olhou na direção errada com a arma correta. Era suficiente para uma condenação pronta e rápida.

Levaram-no sob olhos que o mediam como se medem bois no mercado. Algemas frias, palavras quentes. O carcereiro, um homem que falava pouco e pensava menos, empurrou Joaquim com o cuidado de quem empurra tonel de vinho: queria evitar derramamentos, mas não se importava se ocorressem. Isabel tentou falar, tentou gritar, tentou juntar o milagre da verdade com a coragem dos que amam. Não deixaram. Um dedo de lei, erguido por quem se acostumou a ver lei como chicote, lhe cortou a estrada.

A travessia até a Ilha Prisão foi feita na concha de um batel escuro, o rio como testemunha antiga, os remos cortando a água com monótona precisão. Joaquim sentou-se sem se curvar. O vento lhe trouxe a lembrança dos morros, das madrugadas, do mercador de cavalos que nunca dera abraço, mas que ensinara a não cair. Olhou para o perfil da cidade, os telhados, as torres, o mercado onde conhecera Isabel, e o coração lhe doeu como músculo em dia de luta. Não pensou em fuga. Pensou em justiça. E a justiça, naquele momento, era uma palavra sem dono.

Chegaram à Ilha sob céu baixo. A pedra da muralha olhava os homens com indiferença. O ferro dos portões falava numa língua que Joaquim já conhecia: rugido de coisa que aprendeu a fechar sem aprender a abrir. O cheiro era mistura de mofo, alga e humanidade em desespero. Guardas o empurraram corredor adentro, portas bateram, o som de chave riscou o ar como faca no couro. Ele entrou na cela com a postura de quem

monta um cavalo desconhecido: atento, sólido, pronto.

Ali dentro, o mundo se reduz ao essencial. A cama era prancha, a água era pouca, o tempo era muito. Homens de olhos gastos observavam Joaquim com curiosidade, como se examinassem o ombro de um novo animal introduzido no pasto. Alguns deviam ao destino cicatrizes antigas, outros deviam aos poderosos crimes que não cometeram, e muitos deviam aos próprios impulsos a noite que agora os engolia. Joaquim não perguntou nomes. Entendeu que a ilha inteira era um só: a soma dos silêncios e das faltas de sorte.

As notícias, porém, atravessavam grades como vento atravessa capinzais. Falava-se de guerra na fronteira com um fervor que era metade medo, metade ambição. O Império, diziam, precisava de soldados como sede precisa de poço. Rumores corriam que normativos nasceriam do coração de gente de farda e pena, oferecendo aos condenados uma janela: lutar e, se voltar vivo, ganhar a liberdade. À noite, homens cada um à sua maneira forjavam coragem com palavras: uns falavam de glória, outros de perdão, muitos de fuga. Joaquim ouviu tudo com a serenidade de quem aprendeu cedo a separar o rumor da verdade.

Nos dias que se seguiram, Joaquim reencontrou velhos mestres invisíveis: o vento, que visitava a ilha sem pedir licença; o silêncio, que ensinava a contar os batimentos do próprio coração; a força, que não tem rosto, mas sempre aparece quando não há mais o que retirar de um homem. Treinou o corpo com os poucos espaços disponíveis: flexões contra pedra, passos medidos entre grades, punhos fechados não por ódio, mas por espera. Pensava em Isabel como quem pensa em água quando está cercado

de ferro. Lembrava o cheiro de pão, lembrava os olhos firmes e gentis. Isso o mantinha em pé.

O mercador de cavalos não apareceu. Não era homem de visitas. Mas, numa tarde, um guarda carrancudo trouxe um papel. Era uma mensagem curta, letras tortas: *“Não caia, mas se cair, caia para frente”*. O velho conselho, escrito com a cicatriz dos anos, fez Joaquim sorrir, um sorriso que não se vê, só se sente nas mãos. Cai pra frente: batalha, sempre. Cai pra frente: marcha, sempre. Cai pra frente: ama, mesmo quando o mundo coloca angústias.

A Ilha, ciosa de sua função, continuou a girar o moinho de almas. E o Império, grande e frio como bicho enorme e distante, afinava suas leis para a guerra, soprando nos cantos escuros da cidade convites que eram ordens. Joaquim, sentado no escuro, ouviu o tambor de algo que não era apenas destino, mas escolha. Se o decreto viesse, e tudo indicava que viria, a estrada para a liberdade passaria por campo aberto, por pólvora, pelo mesmo vento que um dia lhe ensinou a não tombar. Ele sabia cavalgar melhor do que muitos homens sabiam respirar. Sabia atirar como quem reza. Sabia suportar. Mas sabia, sobretudo, que Isabel o esperava do outro lado do ferro e do rio.

Na última noite deste capítulo, o Guaíba respirou pesado, como se pressentisse que levaria mais homens e mais armas em barcos e batéis. A lua, pálida, desenhou a sombra das grades no chão e pintou no rosto de Joaquim um brilho que não era resignação: era decisão. O filho do minuano, feito de sina e aço, olhou o teto da cela e disse ao que o céu não podia ouvir:

— Se a liberdade for um risco, eu o correrei. Se a estrada for o fogo, eu a atravessarei. Se o preço for meu sangue, o pagarei mas voltarei.

Porque o amor nascera na Rua da Praia. Porque a vida lhe devia a chance de cair, mas cair pra frente. Porque a guerra chamava, e Joaquim Chagas, órfão de pais, guardião de cavalos e agora prisioneiro, trazia dentro de si uma força antiga que não aceitava ferros por destino final.

## **CAPÍTULO 02**

### **O PERDÃO EM PAPEL, O INFERNO EM MARCHA**

**O PERDÃO EM PAPEL, O INFERNO EM MARCHA**

A Ilha Prisão não era um lugar: era um mecanismo. Um engenho de pedra e ferro construído para moer homens até que o nome virasse número e a esperança virasse hábito de silêncio. O Guaíba ao redor parecia amplo, livre, quase belo sob certas luzes e essa beleza era uma crueldade. A água, tão perto, lembrava a cada prisioneiro que o mundo continuava ali, a poucas braçadas... e, ainda assim, inacessível como um sonho visto por entre grades.

A rotina se repetia com a precisão de um martelo batendo no mesmo prego.

Acordavam antes do sol, não por vontade, mas por ordem, e a ordem vinha sempre com o som de chave e o empurrão de uma voz áspera. O café era água morna tingida de escuro, e o pão, quando vinha, tinha a dureza de um julgamento. Havia filas, contagens, inspeções, e em cada inspeção um homem era lembrado de que o próprio corpo não lhe pertencia mais: pertencia ao Estado, ao carcereiro, à febre que rondava os cantos úmidos, aos ratos que conheciam melhor as paredes do que qualquer guarda.

O dia era dividido entre trabalho forçado e espera. Trabalho era carregar, raspar, limpar ou cavar, sempre algo que castigasse os músculos e, mais ainda, o orgulho. Espera era pior: a espera é o chicote que não deixa marca na pele, só na mente. Na Ilha, o tempo não passava; arrastava-se, deixando atrás de si um rastro de olhos fundos e vozes quebradas.

À noite, o terror mudava de roupa, mas não mudava de intenção. O frio subia do chão como um animal invisível e se instalava nas costelas. A umidade fazia do cobertor um peso inútil. Havia gemidos abafados, tosse de peito doente, e, às vezes, a risada baixa de alguém que já não tinha nada dentro da cabeça além de sombras. Alguns homens rezavam. Outros xingavam. Muitos apenas olhavam o escuro como se o escuro pudesse explicar por que o mundo lhes virara as costas.

E havia a violência, sempre presente, sempre à espreita, como lâmina escondida na manga. Uma palavra torta, um olhar a mais, um pedaço de comida disputado, e a noite ganhava briga. O sangue, ali, não era escândalo: era moeda. Joaquim aprendeu rápido a mover-se como se movessem os lobos, sem se exhibir, sem se curvar. Ele era forte, e a Ilha farejava força como cães farejam medo. Mas Joaquim trazia outra coisa além da força: trazia frieza. E frieza, naquele lugar, valia como armadura.

Foi numa dessas noites de aço e mofo que ele conheceu Ávila.

Ávila era um homem de ombros largos e olhar miúdo, daqueles que parecem medir o mundo em silêncio antes de decidir se ele merece uma palavra. Não era velho, mas tinha a face de quem já perdera coisas demais para parecer jovem. Falava pouco, e quando falava, cada frase vinha como tiro: curta, direta, sem enfeite. Tinha sido condenado por crime que não gostava de explicar, e Joaquim não insistiu. Na Ilha, perguntas demais eram anzóis.

A amizade deles não nasceu de abraços nem promessas. Nasceu de um gesto simples: numa fila de rancho, quando um preso maior tentou tomar o prato de Joaquim, Ávila apenas se colocou ao lado dele, sem

ameaça, sem teatro. Ficou ali, firme. O agressor olhou, avaliou, recuou. Depois, Ávila disse como quem comenta o tempo:

— Aqui, ou tu é pedra... ou te fazem pó.

Joaquim assentiu. O que havia entre os dois era isso: reconhecimento. Dois homens que o destino empurrou para o mesmo buraco, mas que recusavam ser enterrados vivos.

\*

Enquanto a Ilha devorava dias, o mundo lá fora era devorado por algo maior. A guerra no Paraguai não era mais rumor distante, e sim era um animal de muitas bocas. Falava-se em rios como se fossem estradas de destino: o Rio da Prata, artéria enorme, disputada como se quem o dominasse pudesse dominar o próprio amanhã. Cidades se enchiam de mercadorias e de medo; Porto Alegre sentia o peso disso nos navios, nas carroças, nos pregões, no dinheiro que circulava com pressa e no luto que chegava sem pedir licença.

A Tríplice Aliança se formara contra o Paraguai, e os nomes das nações soavam como tambores de marcha: Brasil, Argentina, Uruguai, três bandeiras costuradas por necessidade, não por afeto. E guerra feita de necessidade costuma ser a mais longa, porque ninguém admite recuar quando já pagou caro demais para entrar.

No começo, o Império acendeu um fogo de palavras. Ergueram-se discursos como estandartes. Chamaram aquilo de dever, de honra, de pátria. E então veio o papel que tentava transformar patriotismo em exército: o Decreto dos Voluntários da Pátria. Uma cruzada cívica sacudiu o Brasil, e por um tempo pareceu que a juventude inteira marcharia

cantando, como se a guerra fosse uma festa de coragem.

Mas a guerra, quando abre a boca, não canta: morde.

Os anos passaram, e entre 1867 e 1868 o entusiasmo rareou. O alistamento voluntário foi secando como poço em estiagem. Os que voltavam traziam relatos que não cabiam em bravatas: fome, doença, lama, filas de mortos sem nome, batalhas que pareciam não terminar nunca. O que assustava não era só o inimigo; era a própria guerra a forma como ela transformava homens em números e famílias em silêncio.

E então, quando o Império precisou de carne para alimentar o canhão, a pena dos gabinetes riscou outra solução, mais fria, mais pragmática, mais sombria: uma circular autorizando a convocação de condenados. Presos poderiam ser enviados ao front e, se voltassem vivos, receberiam perdão imperial. Liberdade como prêmio. Sobrevivência como cláusula. E a morte... como rodapé inevitável.

A notícia entrou na prisão como vento entrando por fresta: de repente, ninguém falava de outra coisa. Guardas comentavam, carcereiros cochichavam, e os presos ouviam como quem ouve o próprio nome sendo chamado na porta do inferno.

Um oficial apareceu numa manhã cinzenta, acompanhado de dois homens armados, e leu o anúncio com voz de quem não sente o peso das palavras porque nunca as carregou no próprio corpo. Falou de serviço, de redenção, de pátria. Falou do perdão como se fosse esmola. E quando terminou, o pátio ficou num silêncio grosso, como se cada homem ali calculasse o tamanho exato do abismo.

Alguns riram, descrentes. Outros choraram, sem vergonha. Muitos

baixaram os olhos, porque o medo também tem pudor.

Joaquim não riu nem chorou. Sentiu, sim, algo antigo se mover dentro dele, aquela mesma força que o fizera ficar de pé quando a vida lhe arrancara tudo. Ele pensou em Isabel como se pensasse num farol. Pensou no Guaíba não como barreira, mas como caminho. E pensou, com a lucidez brutal dos que já sofreram demais:

*Na Ilha, eu apodreço. Na guerra, eu talvez morra. Mas talvez... eu volte.*

Ávila aproximou-se, os olhos estreitos.

— Tu vai? — perguntou, como se perguntasse se ele ia atravessar uma ponte em chamas.

Joaquim respondeu baixo, para que só o vento e o amigo ouvissem:

— Eu não nasci pra morrer preso.

Ávila soltou um meio sorriso, sem alegria.

— Nem eu.

E ali, sem juramento solene, sem aperto de mão teatral, os dois selaram um pacto silencioso: se a liberdade estava pendurada na ponta de uma baioneta, eles caminhariam até ela.

Quando chamaram os nomes, a fila de condenados formou-se com uma rapidez que teria envergonhado os voluntários de outrora. Não era patriotismo; era instinto. Era a fome de céu. Era a chance de trocar a morte lenta por uma morte rápida e, com sorte, por vida.

Os guardas anotavam tudo, riscando listas como quem risca contas de armazém. Mediam braços, olhavam dentes, avaliavam costas. Homens viravam peças. Joaquim sentiu o velho ódio subir, não contra um homem

específico, mas contra o mecanismo inteiro que decidia quem merecia ar, quem merecia ferro. Engoliu o ódio. Ódio é fogo: aquece por dentro, mas entrega tua posição ao inimigo.

Ávila estava ao lado dele, e isso bastava.

Naquela noite, de volta à cela, o boato já tinha forma de certeza. Falava-se em embarque, em fardamento, em treinamento às pressas. Falava-se em marchar para o sul, cruzar estradas que pareciam não ter fim, encontrar um mundo feito de trincheiras e febres. Havia quem fantasiava glória, como criança fantasiando espada. Havia quem só queria uma chance de respirar fora de uma parede úmida.

Joaquim deitou no escuro e, por um instante, a Ilha pareceu menor. Não porque o ferro tivesse aberto, mas porque a mente dele já estava além, nos campos, nas distâncias, no risco.

Ele lembrou dos morros de Porto Alegre, da crina quente do cavalo, do som seco de um disparo bem dado. Tudo aquilo fora treino para alguma coisa, pensou. Talvez para isto: para o dia em que o destino não ofereceria escolhas limpas, apenas escolhas possíveis.

Ávila falou do outro canto, voz baixa, quase como oração:

— A gente vai sair daqui... mas não vai sair inteiro.

Joaquim olhou o teto invisível.

— Eu já não estou inteiro faz tempo.

O silêncio se assentou entre eles como capa pesada. Lá fora, o Guaíba continuava batendo nas margens como um coração que não sabia desistir. E, bem longe dali, a guerra seguia roendo países, rios e homens, esperando novos corpos para seu moinho.

Joaquim e Ávila tinham assinado o papel do perdão. Achavam que estavam assinando uma ponte para a liberdade.

Mal sabiam que, na guerra, o papel é fraco... e que a verdadeira assinatura é feita com sangue.

O dia amanheceu triste, como se o céu tivesse acordado antes dos homens e decidido não sorrir. Um manto de nuvens baixas pairava sobre Porto Alegre, e o Guaíba, cinzento, parecia conter a respiração. Naquele frio que entra pelos ossos e faz o pensamento ranger, o Império levantava sua mão de ferro e chamava os condenados pelo nome, não como quem chama um filho, mas como quem chama um instrumento.

No pátio de embarque, o mundo tinha cheiro de corda úmida, suor velho e pólvora distante. Mil prisioneiros haviam sido alistados. Mil homens marcados por sentenças, fome e azar, agora alinhados como fileiras de lenha pronta para a fogueira. Próximos deles, quatro mil soldados do Exército, muitos a cavalo, rostos duros, olhos acostumados a obedecer. A cidade toda parecia apertada ali: oficiais de casaca, padres murmurando bênçãos apressadas, comerciantes olhando com medo e cálculo, mulheres tentando sorrir e falhando.

E então veio o momento em que o destino se torna um ruído: a voz de comando, a bota no chão, o aço batendo em fivela.

Os condenados foram empurrados para a ordem como se fossem bois conduzidos ao curral. Receberam o primeiro contato com a disciplina militar não como instrução, mas como humilhação.

— Cabeça baixa! Boca fechada! — gritava um sargento com a cara talhada de mau humor e o peito cheio de medalhas que não aqueciam

ninguém.

As fileiras vacilavam; não por covardia, mas por hábito. No cárcere, o corpo aprende a se mover para evitar golpes; no exército, aprende a se mover para recebê-los em nome de algo chamado “ordem”.

Joaquim sentiu a velha raiva subir, aquela raiva que nasce quando um homem é tratado como coisa. Engoliu-a. Guardou-a como se guarda um tiro para o momento certo. Ao seu lado, Ávila mantinha o olhar fixo adiante, como se estivesse encarando um inimigo invisível.

— Esses fardados acham que ferro cura crime — murmurou Ávila, baixo, para não dar ao vento a chance de levar a frase até ouvidos errados.

— Ferro só muda a forma da dor — respondeu Joaquim.

Vieram os fardamentos.

Se aquilo era farda, era uma farda feita de restos. Casacos grandes demais para alguns, pequenos demais para outros; botas que mordiam o calcanhar; calças puídas, costuradas com pressa e miséria. Um cinturão, uma sacola de lona, um cobertor áspero. E, para muitos, um rifle mais velho que suas próprias memórias, uma arma que parecia ter atravessado guerras anteriores e voltado com a alma enferrujada.

O sargento passava e gritava para apressar, e a pressa era um tipo de crueldade.

— Vocês não são voluntários! São dívida! — bradou, e gargalhou como se a frase fosse espirituosa.

Joaquim não respondeu. Aprendera, ainda menino, que há homens que vivem para provocar reação, porque a reação lhes dá permissão para

bater. Ele permaneceu pedra, como Ávila o ensinara, e guardou no peito uma promessa silenciosa: eu volto. Eu volto por mim. Eu volto por ela.

\*

Quando a coluna se formou, Porto Alegre se comprimiu nas calçadas. Havia aplausos, sim, aplausos de patriotismo, de ignorância, de medo também. Alguns batiam palmas para espantar a própria angústia, como se o som fosse escudo. Outros aplaudiam porque acreditavam que estavam vendo uma cruzada.

Os cavaleiros do Exército passaram primeiro: quatro mil homens montados, uma maré de crinas e arreios, metal reluzindo quando o sol tentava furar as nuvens. Depois vieram os mil prisioneiros a pé, e ali o contraste era brutal: os cavalos pareciam esqueletos; os condenados pareciam o rosto do infortúnio.

Cada prisioneiro carregava, além do peso do corpo, uma bagagem que parecia pesar igual: manta, panela amassada, cantil, munição escassa, pão duro embrulhado em pano, e a própria sombra.

Joaquim marchava no meio da massa, mas por um instante, todos desapareceram e só restava o brilho do paraíso sobre o mundo: ele a viu.

Isabel.

Não estava perto, não podia estar. Mas estava ali, entre gente e bandeiras, o rosto pálido no frio, os olhos firmes brilhando com emoções impossíveis de transpor em linhas. O vento bagunçava um fio de cabelo junto da testa. Ela não aplaudia; ela olhava, e aquele olhar era mais forte que qualquer hino.

Joaquim sentiu o peito apertar como se uma mão de ferro o tivesse

segurado por dentro. Não podia parar. Não podia correr até ela. Só podia existir naquele instante, preso entre o que deixava e o que enfrentaria.

Ele não pediu aos homens nada. Pediu aos deuses do pampa, aos espíritos do vento, à velha força que mora nos morros:

*Dai-me pernas que não quebrem. Dai-me peito que não ceda. Dai-me retorno.*

E marchou.

Ávila percebeu sem precisar perguntar. Apenas encostou o ombro no dele, um gesto breve, quase sem movimento, mas que dizia: tu não estás sozinho.

\*

Nos primeiros dias, antes que a estrada devorasse tudo, vieram exercícios que pareciam mais punição do que preparo. Marchas curtas com carga completa, corridas em terreno irregular, instruções gritadas como insulto. Os oficiais não queriam apenas ensinar; queriam quebrar, porque um homem quebrado obedece melhor.

— Vocês são presidiários! — diziam. — Aprendam a respirar na cadência!

A cadência era uma tirania. Um passo errado rendia berro. Um olhar para o lado rendia tapa. Um atraso rendia castigo. A disciplina era uma muralha invisível, erguida para separar os “soldados de honra” dos “soldados de perdão”.

Mas o corpo de Joaquim era feito de trabalho duro. Tinha força de quem carregou ferro e pedras na juventude esquecida. Tinha pernas de cavaleiro. Aguentava. E quando a noite vinha e os músculos queimavam,

ele não reclamava: ele contava cada dor como se fosse moeda depositada no cofre do retorno.

Ávila era diferente: resistia não pela força bruta, mas pela teimosia inteligente. Sabia economizar energia, sabia respirar no tempo certo, sabia manter o passo sem se perder. E, sobretudo, sabia observar: quais sargentos batiam por prazer, quais batiam por medo, quais fechavam os olhos para uma ajuda discreta.

— Guarda o fôlego pra quando o chão virar lama — ensinou Ávila numa noite, com a voz baixa.

— E quando virar sangue? — perguntou Joaquim.

Ávila olhou para o escuro, no semblante, uma memória do futuro por vir.

— Aí a gente guarda a alma... se ainda tiver.

\*

Partiram de Porto Alegre rumo a São Borja, quinhentos quilômetros que não eram distância: eram sentença em movimento. A coluna se estendeu como cobra de aço e pano através dos campos do interior do Rio Grande do Sul. Os cavaleiros iam como ponta de lança: rápidos, altivos, com o privilégio de não sentir cada pedra na sola do pé. Os prisioneiros vinham atrás, a pé, arrastando o mundo nas costas.

O inverno gaúcho não perdoa. Não é apenas frio; é um frio que se comporta como inimigo: entra por baixo do casaco, morde o pescoço, endurece dedos, cala risos. O céu permanecia cinzento por dias, e o vento vinha como se tivesse sido criado para punir.

— Tá de renguear cusco. -Joaquim entreouviu como um suspiro perdido no vento por um dos condenados.

Havia beleza e havia crueldade nos campos. Coxilhas ondulando como costas de gigantes adormecidos. Capões de mato escuro parecendo fortalezas naturais. Arroios cortando a terra como cicatrizes novas. Ao amanhecer, a geada deixava as gramíneas brancas, e cada passo quebrava cristais de gelo com som de ossos finos.

A marcha era um cântico de esforço.

Pés inchavam. Feridas abriam. A fome rondava. A água, às vezes, era pouca, às vezes era lama. E a bagagem puxava os ombros como se quisesse arrancar os homens do próprio eixo.

Alguns caíram cedo.

Um homem magro, chamado Teixeira, tropeçou numa pedra escondida e não levantou mais. Não foi por falta de vontade da mente, mas porque o corpo dele já tinha desistido antes mesmo de sair da Ilha. O sargento gritou, chacoalhou, xingou. Quando nada disso surtiu efeito, apenas mandou que o tirassem da trilha.

— A guerra não perdoa morto que respira! — rosnou.

O comentário pairou no ar como urubu circulando a carniça.

\*

No quinto ou sexto dia, o céu desabou.

A tempestade veio do sul como exército invisível. Primeiro, um vento que dobrava os capins e arrancava calor do corpo. Depois, chuva grossa, horizontal, como se o céu estivesse atirando pedras de água. O chão se transformou em barro que sugava botas e pés descalços, e cada passo virou luta contra a própria terra.

Os cavaleiros também sofreram: cavalos escorregavam,

relinchavam, empacavam. Um alazão caiu, e o soldado que o montava foi lançado para frente, batendo o ombro numa raiz exposta. Gritou, mas o grito foi engolido pelo temporal.

Os prisioneiros, a pé, eram os mais vulneráveis. Muitos não tinham poncho. Muitos tinham apenas a farda precária e o cobertor pesado de água. O frio colava na pele como maldição.

Joaquim e Ávila atravessaram um arroio que havia subido rápido. A correnteza pegava nas suas canelas e tentava desequilibrar. Um jovem atrás deles perdeu o pé e foi arrastado alguns metros. Joaquim, sem pensar, lançou o braço e o segurou pela gola, puxando com a força de um touro. Ávila firmou as pernas e ajudou a trazer o rapaz de volta.

O jovem chorou, não de gratidão, mas de pavor.

— Obrigado... — conseguiu dizer, tremendo.

— Guarda esse “obrigado” pra depois — respondeu Joaquim. — Agora guarda o fôlego.

A tempestade durou horas que pareceram noites. Quando finalmente arrefeceu, o mundo tinha a cor de cinzas frias, e os homens, a cara de quem voltou do inferno.

Naquela noite, acender fogo foi uma guerra dentro da guerra. A lenha estava molhada. As mãos estavam rígidas. O vento insistia em apagar qualquer chama. Ainda assim, alguém conseguiu. Uma fogueira pequena, teimosa, e ao redor dela amontoaram-se corpos e esperanças.

Ávila aproximou-se do fogo com o olhar fixo na chama, como se estivesse observando um espírito antigo.

— Sabe o que é isso, Joaquim? — perguntou.

— O quê?

— Um milagre pequeno. E a gente vai precisar de muitos.

\*

A doença começou a rondar como animal faminto. Tosses surgiram. Febres. Um prisioneiro delirou na madrugada, chamando pela mãe, e isso, numa coluna de condenados, era como chamar por um fantasma impossível. Pela manhã, estava frio demais por dentro para continuar.

Os oficiais anotavam perdas com a mesma frieza com que anotavam munição.

Em outro dia, uma carroça atolou e precisou ser empurrada. Os prisioneiros foram chamados como força bruta. Um dos eixos cedeu, e a carroça tombou de lado, esmagando a perna de um homem. O grito dele atravessou o campo e fez até os cavalos se inquietarem. Não houve tempo para lamento. Fizeram um torniquete improvisado. Deixaram-no num povoado pequeno com uma recomendação seca. Seguiram.

A marcha não tinha coração. Tinha objetivo.

Joaquim viu aquilo e entendeu, com clareza cruel: a guerra já estava acontecendo, mesmo antes do primeiro tiro. A guerra começava na estrada, no frio, no barro, na falta de piedade.

Porém, se o mundo tentava esmagá-los, Joaquim e Ávila endureciam como aço temperado.

Dividiam água quando havia. Revezavam o peso quando um dos ombros abria em carne viva. Às vezes, quando o passo de Joaquim ameaçava falhar, Ávila dizia uma frase curta, que virava estaca no chão:

— Mais dez passos.

E depois:

— Só mais dez.

E Joaquim, que aprendera a domar cavalos aporreados e a domar a própria fome, descobriu que também se pode domar a distância: em pedaços, em respirações, em pequenas vitórias.

À noite, falavam pouco, mas o pouco era real.

Joaquim contou de Isabel, sem floreio, como quem entrega um segredo precioso.

— Ela é... pão quente no meio do inverno — disse, e a metáfora lhe pareceu vergonhosa, mas verdadeira. Ávila soltou um som que quase era riso.

— Então volta, homem. Volta nem que seja pra provar esse pão.

Ávila contou apenas uma coisa do passado: que tinha alguém, em algum lugar, que ainda poderia estar vivo. Não disse nome. Não disse rosto. Mas Joaquim entendeu, porque certos silêncios têm o mesmo formato de palavras.

E assim, no meio do rigor, a amizade cresceu não como flor, mas como raiz: invisível, profunda, resistente.

Com o passar dos dias, o rumor da fronteira virou presença. Mensageiros apareciam com cavalos espumando, trazendo notícias como facas: a São Borja tão distante, São Borja ameaçada, São Borja agora sob domínio paraguaio. A estrada agora parecia conduzir não a uma cidade, mas a um limiar.

Quando o vento vinha do oeste, trazia um cheiro diferente: não era

só campo e geada. Era um cheiro vago de fumaça, de madeira queimada, de algo humano demais para ser natureza. Os homens sentiam isso e se calavam. O silêncio era a primeira oração antes da batalha.

Na última noite antes de verem os sinais mais claros da zona de conflito, Joaquim ficou acordado olhando para o céu. As estrelas estavam pálidas, como se até elas tremessem.

Ávila se aproximou e sentou ao lado dele.

— Quando chegar lá... — começou Ávila, mas não terminou.

Joaquim completou por ele:

— Quando chegar lá, a gente descobre se o perdão vale o preço.

Ávila assentiu.

Ao longe, um cavalo relinchou. O som foi levado pelo vento e devolvido como eco, como aviso.

Joaquim fechou os olhos e, por um instante, viu Isabel na Rua da Praia, viu o forno de sua padaria, sentiu o calor impossível. Depois abriu os olhos e viu o campo frio, a fogueira pequena, os homens dormindo como se dormissem pela última vez. E o calor impossível deu lugar ao frio da sentença.

Ele não tinha certeza do que o esperava. Mas tinha certeza de uma coisa: não cairia para trás.

A longa marcha não era só caminho. Era forja. Era o mundo batendo com martelo para ver quem quebrava.

E Joaquim Chagas, filho do minuano, criado em sela e silêncio, marchava para a guerra como quem marcha para encontrar, no fim do sofrimento, a resposta definitiva:

se o destino é senhor... ou se um homem ainda pode ser mais teimoso que o próprio destino.

## **CAPÍTULO 03**

### **CINZAS**

## CINZAS

A terra mudou de cheiro antes de mudar de paisagem.

Nas cercanias de São Borja, o vento já não trazia apenas geada e capim esmagado. Trazia fumaça antiga, madeira queimada, couro molhado, e aquele odor metálico que a alma reconhece mesmo quando a mente ainda resiste: sangue. A coluna avançou em silêncio, como se cada homem carregasse na boca uma palavra que não ousava dizer.

Os campos, antes largos e quase belos, estavam marcados por cicatrizes: cercas quebradas, árvores chamuscadas, rodas de carroça abandonadas na vala. O céu continuava cinzento, mas agora o cinza parecia mais pesado, como se o inverno tivesse aprendido a imitar luto.

Então vieram os refugiados.

Não vinham em fileiras, vinham em pedaços de humanidade desgastada. Velhos com os olhos vazios, mulheres com panos apertados contra o peito, crianças tão caladas que pareciam já ter esquecido como chorar. Alguns carregavam panelas amassadas, outros carregavam apenas o próprio medo. Passavam pela tropa sem pedir licença, como sombras que atravessam um corredor. A guerra os havia transformado em coisa que anda.

Joaquim viu uma menina com os pés roxos de frio e barro, abraçada a um pedaço de boneca sem cabeça. Ela não olhou para ninguém. Olhava para um lugar dentro dela, um lugar onde o mundo ainda não tinha chegado, ou onde já havia destruído tudo.

Ávila murmurou, como quem cospe a amargura:

— A guerra come até os nomes.

E São Borja, ao longe, surgiu não como cidade, mas como espectro: telhados quebrados, fumaça subindo em fios, paredes abertas como costelas de casa morta. O som que chegava não era de mercado, nem de igreja, era de abutres e de tábuas rangendo ao vento.

A coluna parou. Oficiais a cavalo reuniram-se, mapas abertos sobre selas, dedos apontando linhas invisíveis. O frio fazia as palavras saírem como vapor, mas o que diziam era quente de crueldade.

Joaquim percebeu o movimento antes de ouvir a ordem: os prisioneiros foram chamados à frente. Como sempre.

O sargento que os comandava tinha o rosto de quem já confundia disciplina com sadismo.

— Condenados! — gritou, e sua voz cortou o ar como chicote. — Vocês vão abrir o caminho para o resto do exército. - Uma pausa curta, tempo suficiente para a frase afundar nos ossos. — Se houver fogo inimigo, vocês vão achá-lo.

Ninguém respondeu. Porque resposta, ali, era uma surra.

Ávila inclinou-se para Joaquim, quase sem mover os lábios:

— Perdão imperial... é isso. Um bilhete pra atravessar o inferno.

Joaquim apertou o cabo do rifle velho. O metal estava gelado, mas o coração dele estava em brasa.

— Então atravessa olhando pra frente — disse, lembrando do mercador de cavalos e do conselho que era maldição e benção.

\*

A linha dos prisioneiros avançou pelo terreno aberto, descendo uma suave coxilha em direção a um cinturão de árvores e ruínas. Era como caminhar para dentro da boca de um monstro. À direita, cavalaria regular se mantinha recuada. À esquerda, infantaria do Exército aguardava, compacta, protegida por uma esperança falsa de distância.

E então o mundo estourou.

O primeiro tiro veio de lugar nenhum e de todo lugar ao mesmo tempo, um estalo seco, seguido de outro, e outro, como se o próprio ar se rasgasse. Um homem na frente de Joaquim deu um passo, abriu a boca para dizer algo, e caiu sem terminar a palavra. O chão recebeu seu corpo com indiferença. A terra não se assusta. A terra apenas aceita.

— Emboscada! — alguém berrou, mas o grito foi engolido pelo ribombar de mais disparos.

Os prisioneiros não tinham cobertura. Tinham apenas o instinto. Alguns correram em zigue-zague, outros se jogaram no barro, outros ficaram parados por um segundo longo demais, e esse segundo foi o preço.

Um cavalo do Exército, mais atrás, relinchou como se estivesse sendo rasgado por dentro. Tombou pesado, as pernas dobrando de modo errado, e o cavaleiro foi lançado ao chão, rolando, tentando levantar. Um novo tiro o silenciou. O cavalo ainda se debatendo parecia pedir perdão ao mundo por estar morrendo ali.

O som da batalha era um animal furioso: tiros, gritos, o “avança!” de oficiais, o “recua!” de quem não tinha comando. E por cima, o vento,

como sempre, soprando sem escolher lado.

Joaquim sentiu o medo, porque só loucos não o sentem, mas o medo nele não virava fuga: virava foco.

— Ávila! — gritou, e viu o amigo atirado no barro, mas inteiro, os olhos vivos.

— Tô aqui! — respondeu Ávila, a voz áspera, sem pânico.  
— Vai! Lá, naquele tronco!

Corriam como homens correndo de tempestade, mas ali a tempestade era de chumbo. Joaquim se jogou atrás de uma árvore caída, a madeira úmida riscando seu rosto, a terra fria pressionando seu peito. O rifle tremia nas mãos. Não era tremor de fraqueza, era o corpo tentando manter o corpo vivo com adrenalina.

Do outro lado, entre ruínas e mato, sombras se moviam. Não eram fantasmas; eram soldados inimigos, bem posicionados, disparando de cobertura. Tinham a vantagem do terreno e a frieza de quem esperou o alvo entrar na armadilha.

E os alvos eram eles: os condenados.

O ataque era suicida por arbitramento, uma lâmina feita para cortar primeiro os que o Império considerava descartáveis. A guerra, afinal, também escolhe quem vale mais.

Joaquim ergueu a cabeça por um instante e viu um prisioneiro agarrando a barriga, cambaleando como bêbado, o sangue escuro manchando o tecido gasto. O homem caiu de joelhos e tentou rezar; a reza não saiu. Caiu de lado, como saco de farinha rasgado.

Isabel atravessou a mente de Joaquim como um raio. E isso doeu mais que o frio.

— Atira! — Ávila bradou, e Joaquim voltou ao mundo.

Ele mirou. Não mirou como no treino apressado; mirou como nos morros, quando protegia rebanhos e não havia segunda chance. Prendeu a respiração. Sentiu o vento. Apertou o gatilho.

O recuo do rifle bateu no ombro como martelo. Um vulto do outro lado caiu, desaparecendo atrás de uma parede quebrada. Joaquim não comemorou. Na guerra, comemorar é oferecer o pescoço.

— Carrega! — Ávila rosnou, e já atirava também, seco, econômico, como quem conta munição com a alma.

A linha dos prisioneiros se desfez e se refez em pequenos grupos, cada qual tentando sobreviver. Alguns avançaram aos gritos, mais por desespero que por bravura. Outros se arrastaram até valas. Muitos ficaram no caminho, imóveis, olhos abertos para um céu que não respondeu.

E então veio o comando que selava a brutalidade:

— Avançar! Condenados, avançar!

Avançar para onde? Para o fogo. Para a morte. Para o “perdão” escrito em papel que não parava bala.

Joaquim olhou para Ávila. Ávila olhou para Joaquim. Nenhum dos dois precisou falar. Eles se levantaram juntos — não como heróis, mas como homens que recusam morrer de joelhos.

\*

Quando a distância entre paraguaios e condenados encurtou, o som mudou. Tiro virou rosnado. Baioneta virou dente. O barro virou arena de

luta.

Joaquim correu com a arma colada ao peito, sentindo cada músculo protestar. Um disparo passou assobiando perto de sua orelha, como se o vento tivesse virado lâmina. Ele se jogou, rolou, levantou. A ruína à frente era meia parede de taipa, quebrada, mas era abrigo.

Um inimigo surgiu de lado, rápido, faca ou baioneta na mão, não havia segundo para avaliar no calor da luta pela sobrevivência. Joaquim viu o brilho e reagiu como cavaleiro reage quando o cavalo tropeça: sem pensar. O rifle virou porrete. O som da madeira contra osso reverberou pelo seu braço. O homem cambaleou. Joaquim empurrou com o ombro e o derrubou na lama. Não teve tempo para nada além de continuar.

Ávila apareceu ao lado, como se o próprio barro o tivesse cuspidos:

— Atrás de ti! — gritou.

Joaquim virou e viu outro vulto chegando. Havia olhos ali, olhos humanos, assustados também, porque todo homem sangra medo, seja qual for a bandeira. Joaquim atirou de perto. O recuo quase arrancou o rifle de suas mãos. O vulto caiu, e Joaquim sentiu o estômago apertar, mas não parou. Naquele lugar, parar era morrer.

O ar ficou grosso de fumaça. O céu ficou mais baixo. Parecia que os deuses tinham se aproximado só para assistir.

Cavalos, mesmo longe, continuavam tombando. Cada queda era um terremoto pequeno. O som de casco quebrando no

barro era som do mundo se partindo.

E então a linha regular do Exército brasileiro finalmente avançou, como maré tardia: tiros em massa, baionetas brilhando, oficiais berrando ordens. Mas o preço já tinha sido pago, e quem pagou primeiro foram os condenados.

Joaquim sentiu a garganta arder de respirar fumaça e frio ao mesmo tempo. Sentiu o coração bater em pancadas irregulares. Sentiu a vida estreitar.

E, ainda assim, continuou.

\*

Quando a batalha se deslocou em direção ao Rio Uruguai, a paisagem virou palco de pesadelo.

A água estava escura, pesada, e o vento a enrugava como pele de animal velho. À margem, soldados escorregavam, tropeçavam, caíam. O barro puxava botas como mão de afogado tentando se agarrar ao que restava da superfície.

Foi então que surgiram, rio acima, barcos.

Primeiro, como pontos. Depois, como silhuetas. Depois, como presença inevitável: embarcações trazendo soldados do Exército Argentino e Uruguaio, descendo o Uruguai como se o próprio rio tivesse decidido entregar reforço. Havia gritos em línguas diferentes, bandeiras tremendo, remos e vapor, metal batendo em madeira.

A chegada deles não trouxe paz. Trouxe mais peleia, como se a batalha precisasse de mais dentes para terminar de morder.

Os barcos se aproximaram sob fogo paraguaio. Alguns homens

saltaram antes de encostar, caindo na água rasa, molhando a pólvora, mas não a coragem. Outros desembarcaram em ordem quebrada, atirando assim que os pés tocaram terra. O Uruguai recebeu corpos e chumbo, recebeu gritos e pragas, recebeu promessas e despedidas em duas línguas diferentes, quatro dialetos distintos.

A água começou a se tingir.

Não foi um vermelho de pintura, foi um tom escuro, triste, que parecia se misturar à própria cor do rio. Correntes carregavam aquilo para baixo, levando junto um silêncio que não deveria existir em água viva.

Joaquim, ao ver o rio manchado, sentiu um frio que não vinha do inverno. Era o frio de perceber que a guerra transforma até a natureza em testemunha culpada.

\*

Quando o ataque finalmente arrefeceu, não porque alguém teve misericórdia, mas porque o preço de corpos já havia sido cobrado, o campo ficou cheio de sons que não são cantos, nem gritos de vitória.

Eram lamentos.

Homens chamando por mães, por esposas, por Deus, por ninguém. Soldados chorando sem esconder, porque ali não havia honra em fingir. Oficiais com a voz falha, tentando reunir o que sobrara de suas unidades. Prisioneiros atônitos, olhando as mãos como se elas fossem de outra pessoa.

O medo tinha som. E o som parecia bater nas ruínas, bater nas pedras, bater no próprio céu.

Joaquim se ajoelhou atrás de uma mureta quebrada, o peito arfando, o rosto sujo de barro e fumaça. Olhou para Ávila.

Ávila estava vivo, mas com um corte no rosto, sangrando pouco, como lembrança de que a morte o tinha tocado e decidido adiar.

Eles se encararam. Não sorriram. Não havia alegria naquele lugar. Mas havia algo mais sólido do que alegria: persistência.

— Tu tá inteiro? — Joaquim perguntou, a voz rouca.

— Inteiro não... — Ávila respondeu. — Mas tô de pé.

Joaquim assentiu. De pé era tudo o que importava.

Ao redor, os prisioneiros sobreviventes estavam em número menor do que a manhã prometera. Os que restavam tinham olhos mudados, olhos que já tinham visto o fundo do poço e descoberto que o fundo olhara de volta.

E ali, no barro frio do sul, Joaquim compreendeu com a clareza brutal de um tiro à queima-roupa:

O perdão imperial não era uma porta. Era um corredor.

E o corredor era feito de batalhas, rios escuros e amigos que virariam irmãos, só para se perderem em meio ao barro e sangue.

Ele olhou para o Uruguai, para a água manchada, para os barcos aliados ainda descarregando homens, e sentiu o vento bater no rosto como tapa antigo.

— Isabel... — achou que estava pensando, mas o pensamento virou palavra.

Ávila colocou uma mão breve no ombro dele, um gesto rápido, sem drama, mais forte do que qualquer discurso.

— A gente vai voltar — Ávila falou, como se a frase fosse uma ordem ao destino. — Nem que seja pra cuspir na cara do inferno.

Joaquim apertou o rifle, sentiu o frio do metal, sentiu o peso do mundo.

E, enquanto os abutres começavam a rondar e o céu continuava cinzento como aço, o filho do minuano se levantou de novo.

Porque a guerra tinha apenas começado a apresentar sua verdadeira face. E Joaquim Chagas, um condenado, cavaleiro, homem de amor aprisionado, ainda estava vivo para encará-lo.

O dia seguinte não nasceu. Arrastou-se.

O céu permaneceu baixo, uma mortalha sobre o mundo, e o frio parecia ter aprendido novos jeitos de machucar. A fumaça da véspera ainda pairava em fiapos, misturada ao hálito acre da pólvora e ao fedor triste da morte. Onde antes havia gritos e trovões de tiros, agora havia um silêncio pesado, desses que não significam paz, mas cansaço do horror.

A batalha fora vencida, diziam. Mas a guerra, essa criatura faminta, apenas tinha virado o rosto para buscar a próxima vítima.

Reuniram os sobreviventes numa clareira enlameada, perto das ruínas que ainda fumegavam. Oficiais passavam com listas, riscando nomes com a mesma facilidade com que se risca carvão numa parede. O som das penas raspando o papel parecia zombar

dos que ainda respiravam.

— Presente! — respondiam alguns, quando o nome era chamado.

Outros não respondiam, suas bocas estavam cerradas para sempre.

Os condenados, que haviam sido jogados primeiro no fogo, agora eram contados como se fossem pedaços de ferramentas: quantos restaram, quantos servem, quantos ainda podem marchar. A “tropa do perdão” era, na verdade, a tropa do desgaste.

Joaquim ficou em pé com o rifle encostado no ombro, sujo de barro, a garganta arranhando por dentro. Viu homens sentados com o olhar perdido, como se tivessem deixado a alma na beira do Rio Uruguai e caminhado sem ela até ali. Viu um rapaz sem barba ainda, as mãos tremendo, repetindo o mesmo nome, talvez de um irmão, talvez de um amigo perdido ali mesmo, como se a repetição pudesse puxar alguém de volta do abismo.

Ávila, ao lado, mantinha o rosto duro, mas os olhos denunciavam o que não se dizia: ninguém sai ileso do primeiro batismo de fogo.

Quando a contagem terminou, um capitão fez um discurso curto, sem poesia.

— A vitória é nossa. — disse, como quem anuncia o preço de um saco de farinha. — Mas a estrada continua. E quem não aguentar... fica.

Fica: palavra simples. Naquela guerra, “ficar” era outra forma de “morrer”.

No meio da tarde cinzenta, veio a ordem que transformou o que restara dos prisioneiros em algo oficialmente útil, e oficialmente

descartável.

Os oficiais se reuniram, trocaram frases secas, apontaram para o grupo dos condenados como quem aponta para um aríete.

— Vocês vão na frente. Serão nossos batedores, abrindo caminho.

-Vinha a ordem ladrada por um oficial de semblante duro e olhos cansados. - Vocês vão primeiro para sondar as matas, atravessar arroios e verificar a localização do inimigo.

Joaquim e Ávila sabiam o que o comando significava: vocês vão na frente como escudo contra fogo paraguaio.

Não era punição. Era doutrina: usar os condenados como tropa de choque. A primeira lâmina que entra. A primeira carne que sangra. A primeira fileira que cai para que a segunda aprenda onde não pisar.

Joaquim sentiu o estômago se apertar, não de medo, mas de compreensão. O Império lhes dava perdão como se dá um osso a um cão: para que o cão avance no lugar do dono.

Ávila cuspiu no barro, gesto breve, silencioso.

— Ao menos agora eles admitem o que somos pra eles. — murmurou.

— Ferramenta? — Joaquim devolveu.

— Isca.

A palavra ficou no ar, fria como o orvalho da manhã congelado sobre o sangue derramado.

\*

Foi então que ele apareceu.

Não era o capitão que discursava. Não era o sargento de gritos fáceis. Era outro, um oficial recém-chegado, farda ajustada demais para aquele campo de lama, luvas limpas demais para aquele mundo sujo. Tinha um bigode fino e olhos claros que não refletiam nada além de cálculo. Chamava-se Tenente-Coronel Severo do Nascimento.

O nome soava como um martelo batendo em ferro quente.

Nascimento caminhou diante da linha dos condenados devagar, como se inspecionasse mercadoria. Parou diante de Joaquim por um segundo longo. Olhou o rifle, olhou as mãos, olhou o corpo, e, por fim, olhou nos olhos.

— Você é o Chagas? — perguntou, sem elevar a voz.

— Sou.

— Dizem que atira bem. E que não correu.

Joaquim não respondeu. Aprendera cedo que elogio vindo de homem de poder costuma ser anzol.

Nascimento sorriu sem calor.

— Vou comandar esta... unidade. — falou a palavra “unidade” como se fosse ironia. — E eu não tolero nem covardia, nem indisciplina e nem vícios.

Fez uma pausa e concluiu, como sentença:

— Eu também não tolero esperança demais.

E seguiu adiante, as botas limpas desafiando a lama.

Joaquim sentiu algo raro: antipatia instantânea. Não pelo grito ou pela pancada, mas pela frieza. A frieza daquele homem era diferente da frieza do campo. Era uma frieza que escolhe, planeja, e dorme bem depois.

Ávila soprou, quase inaudível:

— Esse aí é perigoso.

— Porque? — Joaquim perguntou.

— Porque ele vai te usar... e depois vai dizer que foi por “ordem”.

O campo de batalha deixara atrás de si um rastro de tragédias. Havia cavalos vagando, sem cavaleiro, olhos arregalados, espuma seca no focinho. Alguns mancavam. Outros, sem ferimentos visíveis, tremiam como se ainda ouvissem tiros.

A tropa precisava montar quem pudesse montar. E, por um capricho cruel e generoso do destino, surgiram cavalos que haviam perdido seus donos, inclusive o cavalo de um capitão morto.

Era um animal magnífico: um gateado alto, peito largo, crina grossa como noite. O bicho estava coberto de barro, mas mantinha uma dignidade feroz, como se não aceitasse ser reduzido a “sobra”.

Um sargento trouxe a notícia como quem entrega um pedaço de sol.

— Chagas! — gritou. — Por ordem... tu vai montar.

Joaquim ficou imóvel por meio segundo, como se não tivesse entendido. Depois o coração fez aquilo que não fazia desde os morros de Porto Alegre: saltou.

Ele se aproximou do gateado com respeito, a mesma reverência silenciosa com que se entra em igreja vazia. O cavalo bufou, desconfiado, a orelha girando como antena. Joaquim estendeu a mão, deixou o animal cheirar, não forçou.

— Calma, parceiro... — murmurou. — A gente se entende.

Quando colocou a mão na crina e sentiu o calor vivo sob o couro, foi como reencontrar uma parte de si que havia ficado enterrada na Ilha Prisão. A sela parecia encaixar no destino. O peso do corpo, que antes era só cansaço, virou possibilidade.

Joaquim montou.

Por um instante, o mundo ficou mais alto. O frio pareceu menor. A lama pareceu menos funda. O horizonte pareceu menos cruel.

Ele lembrou dos morros, da infância, da liberdade que só existe em galope. E quase, quase, sorriu.

Um oficial de infantaria olhou e falou com um tom que era meio admiração, meio desconforto, como se elogiar um condenado fosse pecado:

— Pelo menos um de vocês sabe o que faz.

Era pouco. Era quase nada. Mas para Joaquim, aquilo era uma fagulha: um reconhecimento minúsculo dentro de um universo que só sabia negar. Um pedaço de humanidade por entre engrenagens.

Ávila, porém, recebeu um cavalo menor, nervoso, e a cena foi outra.

Ele subiu com esforço, segurou as rédeas como se fossem serpentes, e o animal deu um passo lateral que quase o derrubou. Ávila praguejou baixo, não por vergonha, mas por irritação.

Joaquim aproximou o gateado e disse, com uma ponta de riso na voz:

— Tu luta melhor no chão do que de cima dele.

— Eu luto melhor onde eu não caio. — Ávila respondeu, sério. — E esse bicho quer me matar.

Joaquim ensinou o básico: como relaxar os ombros, como não apertar demais as pernas, como deixar o cavalo “respirar”. Ávila tentou, duro, desajeitado, mas fez o melhor para aprender. E isso, naquela guerra, era virtude.

A amizade deles se firmou mais um grau: agora não era só sobreviver lado a lado; era aprender lado a lado.

\*

Naquela noite, o acampamento foi montado às pressas. Não havia descanso verdadeiro; havia apenas pausa entre golpes. Fogueiras pequenas tremiam ao vento. O rancho era pouco. A água, suspeita. A tosse, frequente.

Joaquim tirou da sacola um pedaço de papel amassado e um toco de carvão. Conseguiu aquilo com troca, um favor, uma promessa, um pedaço de pão cedido. Papel, naquela guerra, valia como munição: ambos salvavam de maneiras diferentes.

Ele se afastou um pouco, sentou numa pedra fria e começou a escrever para Isabel.

Mas as palavras, que na cabeça pareciam rios, no papel viraram pedras. Como contar o que viu? Como dizer “estou vivo” sem acrescentar “por enquanto”? Como prometer retorno quando o céu inteiro parecia conspirar contra promessas?

Ele escreveu:

“Isabel,

o frio aqui não é como o de Porto Alegre. Aqui ele vem com cheiro de fumaça e...”

Parou. A mão tremeu.

Ávila apareceu atrás, silencioso como sempre.

— Escreve o simples. — disse. — O resto a guerra escreve sozinha.

Joaquim respirou fundo e continuou:

“...e eu penso em ti como quem pensa em fogo.

Eu estou vivo.

Não esquece meu nome.

Eu não esquecerei o teu.”

Dobrou o papel com cuidado, como se dobrasse um pedaço do próprio coração. Mas enviar era outra guerra: faltavam mensageiros confiáveis, faltava rota, faltava certeza. Ainda assim, Joaquim guardou a carta junto ao peito, decidido a encontrar algum caminho, um soldado que voltasse, um barco que subisse, uma mão que entregasse.

Na guerra, às vezes, a esperança sobrevive escondida, como brasa sob cinza.

\*

A notícia correu entre oficiais como vento ruim: Uruguaiiana estava em chamas. Diziam que soldados tinham sido massacrados. Diziam que a cidade era um grito contínuo. Diziam que o fogo iluminava o céu como aurora maldita.

Se era tudo verdade ou parte verdade, pouco importava. O efeito era o mesmo: pressa. E a pressa, na guerra, é sempre irmã da tragédia.

Antes que o luto pudesse assentar, veio a ordem:

— Marchar.

O exército começou a se mover pelas estradas que acompanhavam o Rio Uruguai. À direita, a larga faixa de água escura corria, era uma aorta da Terra, separando Brasil e Argentina. À esquerda, campos de gramíneas, o reino de grupos de quero-queros, e capões onde as graúnas se reuniam em meio a cardeais, bem-te-vis e João-de-Barro, todos levando suas vidas pequenas e simples como se o mundo não estivesse em conflito, enquanto ao lado da marcha, em contraste, como sombras de madeira e fumaça, as embarcações aliadas acompanhavam o deslocamento, barcos argentinos e uruguaios deslizando pelo rio, carregando homens, suprimentos, canhões, esperança e mais risco.

Era uma visão que parecia saída de livro antigo: um rio como serpente negra, e ao lado dele uma coluna de ferro humano se arrastando, milhares de passos batendo no chão como tambor de um gigante.

Forte, sim. Mas cansado.

Os soldados regulares iam com os ombros tensos; os condenados, com os ombros feridos. A fome comia por dentro. A doença rondava por fora. A deserção aparecia como tentação em cada mata: “Some e vive”, sussurrava o capim. Alguns tentaram. Alguns foram pegos. E os exemplos foram feitos com a brutalidade de sempre, porque o medo era o cimento da disciplina.

Nascimento cavalgava com postura impecável, como se o

barro não o tocasse. Passava entre os grupos, observando. De vez em quando, parava e ordenava punições por coisas pequenas: um homem fora de fila, uma baioneta suja, um comentário errado.

Ele queria deixar claro: quem mandava ali não era a guerra, era ele. O senhor que comandava o destino dos soldados amaciados.

Joaquim percebeu e guardou aquilo. O inimigo não estava só do outro lado do rio ou da mata. Às vezes, o inimigo veste a mesma farda.

Mesmo assim, havia momentos em que a paisagem quase enganava, oferecendo beleza como armadilha. Ao amanhecer, a geada tornava os campos brancos, e o sol fraco fazia tudo brilhar como se o mundo fosse puro. Bandos de marrecas cruzavam o céu em baderna de gritos. E o rio, apesar de manchado pela lembrança do sangue, seguia correndo, indiferente, eterno.

Joaquim, agora montado, sentia a marcha de outra forma. O gateado avançava firme, obedecendo ao toque leve, e isso lhe dava uma vantagem preciosa: os pés descansavam, os olhos alcançavam mais longe, e o corpo guardava força para quando fosse preciso.

Ávila, a cavalo, continuava uma batalha particular. Às vezes ia bem, às vezes parecia brigar com o próprio equilíbrio. Mas não desistia. E Joaquim não o deixava cair.

— Segura a rédea como se fosse conversa, não como se fosse briga — Joaquim dizia.

— Eu só sei conversar brigando — Ávila retrucava, e os dois soltavam um riso curto, quase clandestino, como se rir fosse contrabando.

\*

No fim daquele dia, quando o acampamento foi armado de novo, o cheiro de exaustão era tão forte quanto o de fumaça. Homens sentavam e não levantavam mais sem esforço. Alguns comiam e choravam ao mesmo tempo. Outros olhavam o vazio como se o vazio fosse mapa.

Joaquim ouviu um soldado velho dizer, para ninguém em particular:

— Essa guerra tem que acabar... antes que acabe a gente.

A frase ficou no ar e pousou no coração de Joaquim como pássaro pesado.

Ele olhou para o gateado, que mastigava capim com calma, como se não soubesse de impérios nem de decretos. Olhou para Ávila, que dormia mal, com o corpo tenso até no descanso. E pensou em Isabel, na carta guardada, no calor do forno, na Rua da Praia que agora parecia sonho de outra vida.

A vitória de ontem fora só uma onda. O mar ainda era enorme.

E lá adiante, na direção de Uruguaiana, havia fogo, ferro e o tipo de decisão que separa homens que sobrevivem... de homens que viram lenda, ou epítáfio.

Joaquim fechou a mão no papel dobrado junto ao peito e fez um juramento silencioso, mais antigo que qualquer bandeira:

*Eu não vou cair para trás.*

E, sob o céu cinzento do sul, o exército cansado se preparou para andar de novo, porque na guerra, até o descanso é apenas uma

pausa curta entre dois infernos.

## **CAPÍTULO 04**

### **FOME, FEBRE E A NOITE DOS URUBUS**

**FOME, FEBRE E A NOITE DOS URUBUS**

Uruguaiana não era apenas um nome no mapa. Era um clarão no horizonte, um brilho vermelho que nascia e morria atrás das coxilhas, como se a terra estivesse respirando fogo. A cada dia que a coluna avançava pelo lado do Rio Uruguai, a fumaça ficava mais nítida, mais densa, mais insolente. E com ela vinha o presságio: ali adiante, a guerra deixaria de ser estrada... e voltaria a ser mandíbula.

O exército marchava forte, mas não marchava inteiro. Marchava cansado, mordido por um inimigo que não usava farda e não respeitava bandeiras: a necessidade.

Primeiro foi o pão que minguou. Depois a carne-seca virou lembrança. Em seguida, o rancho começou a chegar ralo, feito promessa quebrada. As rações, cortadas ou desviadas, eram distribuídas como se fossem esmolas.

Homens olhavam o próprio prato como se olhassem o destino: pequeno demais, frio demais.

O Rio Uruguai corria ao lado: enorme, escuro, cheio de vida. E ainda assim, a água era uma armadilha. Onde não havia corrente limpa, havia poças formadas por chuva e barro, e essas poças tinham gosto de terra morta. Onde havia barranca, havia lodo. Onde havia lodo, havia doença escondida como serpente prestes a dar o bote.

Os mais desesperados bebiam assim mesmo.

E o castigo vinha sem trombeta: diarreias que deixavam homens

vazios por dentro, vômitos, tremores. Os corpos, já consumidos pelo frio e pela marcha, não tinham reserva para lutar contra aquilo. Não demorou para as febres surgirem como incêndio em palha seca.

A febre derrubava fileiras mais depressa do que qualquer bala.

Ela vinha à noite, silenciosa, e pegava o homem no acampamento como se pegasse um cordeiro no escuro. Primeiro um calafrio, depois o delírio. Muitos começavam a murmurar palavras inteligíveis, de repente, em um estrondo, gritavam nomes de familiares. Outros xingavam inimigos imaginários e tentavam lutar com sombras. Alguns choravam como crianças, a febre roubando sua dignidade e força sem pedir permissão.

Joaquim viu um soldado abraçar o próprio rifle como se fosse tronco em enchente, murmurando que o chão estava se abrindo. Ao amanhecer, o homem não se levantou. Não estava morto, fora engolido pelos próprios delírios.

Ávila, que já tinha o rosto endurecido pelas batalhas, ficou ainda mais sombrio.

— Não basta a guerra, agora somos consumidos pela doença. — disse ele. — E isso é pior. A bala tu escuta. A febre tu só descobre quando já tá dentro.

Joaquim apertou a mandíbula. Sentia a responsabilidade crescer como peso de sela encharcada: a unidade de condenados era usada como ponta de lança, e agora também era o primeiro grupo a ser abandonado quando faltava comida, remédio, coberta.

E no centro disso tudo, como lâmina fria, estava o homem que transformava necessidade em crueldade.

O Tenente-Coronel Severo do Nascimento não tolerava fraqueza porque fraqueza lembrava humanidade, e humanidade atrapalhava o cálculo. Ele dizia que disciplina era o único remédio para o caos. Mas o remédio dele era ferro demais, aplicado no lugar errado.

Quando a fome aumentou, aumentou também a tentação de desertar. Não era covardia, era instinto de sobrevivência. Alguns homens olhavam o mato como quem olha uma porta aberta que vai dar em um banquete. Um punhado sumiu numa noite sem lua. Não levaram mais que a roupa do corpo e a vergonha nas costas.

Na manhã seguinte, Nascimento reuniu os condenados e os soldados misturados num pátio improvisado.

— Deserção é traição. — Sua voz era limpa, sem tremor. — E traição se cura com exemplo.

Dois homens foram trazidos de volta, capturados pelos próprios companheiros, por medo do castigo coletivo. Não eram monstros. Eram apenas homens famintos. Eram homens doentes. Eram gente encurralada.

Nascimento mandou puni-los ali mesmo. Não precisava ser morte para ser terror. Bastava humilhação, bastava dor para que se espalhasse o recado.

Joaquim viu aquilo e entendeu com nitidez: aquele oficial era capaz de gastar homens como se gastasse pólvora, sem piscar. E o pior: a guerra lhe dava justificativa.

Ávila aproximou-se e falou baixo:

— Se a gente não fizer algo, ele vai levar essa tropa pro buraco antes mesmo de Uruguaiana.

Joaquim olhou em volta. Homens com olhos fundos. Mãos trêmulas. Barrigas vazias. Fardas rasgadas. O cheiro de doença. A sensação de que a morte já caminhava na coluna sem precisar se esconder.

— Então a gente faz algo — Joaquim respondeu. — Mesmo que seja perigoso.

\*

Na mesma semana, chegaram mensageiros vindos de longe, trazendo notícias retumbantes. Falavam de batalhas passadas que ainda repercutiam como eco no peito dos oficiais.

Falaram da Batalha de Riachuelo: brutal, decisiva, e já envolta em lendas de fumaça e ferro. Diziam que, lá no norte, nas águas do rio Paraná, a esquadra paraguaia tentara quebrar o domínio dos rios e estrangular as rotas de suprimento. Diziam que o combate fora um redemoinho de navios, fumaça e fogo, e que os brasileiros, sob comando de seu almirante, haviam vencido, arrancando do Paraguai a chance de dominar as artérias fluviais.

E por que isso importava ali, às margens do Uruguai?

Porque naquela guerra, os rios eram mais do que água: eram estradas, eram veias que alimentavam e nutriam o corpo da guerra, eram o caminho do canhão, do alimento, do reforço. Quem controlava o rio controlava o fôlego da campanha. As notícias de Riachuelo eram lembradas como aviso: a guerra não era só baioneta, era logística, era fome, era a distância devorando homens.

Um sargento velho resumiu com amargura:

— Quem manda no rio manda no tempo. E quem manda no tempo... manda na morte.

Joaquim guardou isso. Vira barcos argentinos e uruguaios acompanhando o exército pelo Uruguai, como sombras protetoras. Mas também sabia: rio nenhum salva um homem que morre de sede em terra.

Quando finalmente avistaram sinais mais próximos do conflito em Uruguaiana, o cenário pareceu saída de um pesadelo antigo: colunas de fumaça, pontos de fogo no horizonte, e um vai-e-vem de feridos e desalojados. Chegavam relatos fragmentados e cada relato era pior do que o anterior: patrulhas massacradas em estradas secundárias; cavalos sem cavaleiros vagando entre capões; depósitos queimados antes que pudessem ser usados e o inimigo: invisível de dia, mortal de noite.

A unidade dos condenados, agora vista como “tropa de choque”, foi avisada: na próxima etapa, seriam jogados de novo onde a linha era mais fina.

Mas a linha deles já estava fina por dentro.

Naquela noite, Joaquim e Ávila reuniram um pequeno grupo de homens em quem confiavam, não pelo passado, mas pelo modo como resistiram ao medo sem virar bicho. Eram poucos: seis, talvez sete, com olhos de quem já tinha atravessado o inferno e ainda assim conseguia pensar.

— A gente vai perder mais gente pra febre do que pra bala — disse Ávila. — E o Nascimento não vai reduzir a marcha.

— Então a gente vai achar água limpa e comida — Joaquim respondeu.

— Do jeito que der.

— Roubo? — alguém perguntou, sem coragem de encarar o próprio som da palavra.

— Sobrevivência — Joaquim corrigiu, e a palavra saiu pesada. — E reconhecimento.

A decisão perigosa tomou forma: uma missão de reconhecimento noturna. Não era apenas para espiar o inimigo. Era para encontrar um ponto de água confiável, mapear caminhos seguros, localizar um depósito abandonado ou uma fazenda esvaziada onde ainda houvesse sal, farinha, qualquer coisa. E, se possível, descobrir por onde o inimigo se infiltrava para cortar patrulhas.

Se Nascimento descobrisse que saíram sem ordem, a punição seria exemplar. Mas se não saíssem, a punição seria a morte lenta de todos.

Joaquim pensou em Isabel. Pensou no gateado que agora era extensão de seu corpo. Pensou no decreto do perdão, um papel frágil na qual segurar a esperança, e na realidade da fome, uma faca concreta a cortar a vida dos soldados.

— A gente vai — ele concluiu.

\*

A noite caiu sutilmente. O vento soprou baixo, e o campo pareceu prender a respiração. Os homens partiram em silêncio, cada um com o que tinha: um rifle, uma lâmina, um punhado de munição e a coragem feita de necessidade.

Joaquim montou o gateado, mas não o forçou; cavalo em noite de guerra é farol para quem caça. Preferiu conduzir por trechos, alternando montaria e passo, usando o animal quando precisava avançar rápido e o chão quando precisava sumir no escuro.

Ávila, desconfortável na sela, optou por seguir a pé ao lado do

cavalo por parte do caminho. Ele era melhor com a terra sob os pés do que com o mundo oscilando sob o corpo do animal.

— Não me deixa cair — sussurrou, meio sério, meio irônico.

— Se tu cair, eu te busco — Joaquim respondeu. — Mas tenta não cair em cima de uma baioneta.

Riram sem som. Riso abafado é arma contra o medo, mas não dura muito.

Os capões de mato pareciam fortalezas negras. O frio cortava o rosto. E, em certos instantes, o silêncio era tão absoluto que se ouvia o próprio sangue correndo nas veias.

Encontraram pegadas que se mostraram marcas recentes. Havia movimento inimigo na região, então, patrulhas pequenas, rápidas, acostumadas a surpreender e sumir.

Joaquim agachou, tocou o solo, farejou como homem do campo.

— Passaram faz pouco — disse.

Avançaram.

Então viram luz, distante, filtrada por árvores: um foco fraco, protegido. Não era um acampamento grande, e sim um posto avançado, ou depósito improvisado, ou até sentinela. O tipo de coisa que se mata rápido ou que te mata mais rápido ainda se for subestimada.

O grupo se aproximou em meia-lua, usando o terreno como escudo. Joaquim sinalizou com mão: parar. Depois: contornar.

Chegaram mais perto e ouviram vozes. Não distinguiram palavras, mas distinguiram intenção: homens alertas, inquietos. A guerra faz isso, até o descanso vira vigília.

Ávila apontou para o lado: havia uma carroça semioculta. Dava para discernir sacos. Talvez farinha. Talvez sal. Talvez munição. Talvez nada.

— Se a gente pegar isso... — ele começou.

— A gente vive mais um dia — Joaquim terminou. — Ou morre agora.

Foi aí que o destino fez o que sempre faz: interferiu.

Um galho estalou sob o pé de um dos homens. O som foi pequeno mas na noite silenciosa e atenta, som pequeno é tambor.

— Quién anda? — uma voz cortou o escuro.

Joaquim sentiu o mundo estreitar. O coração virou casco batendo em pedra. Não havia mais retorno silencioso.

Ele fez um sinal rápido: abaixar. Não atirar ainda. Esperar.

Os inimigos se moveram. Uma lanterna balançou, lançando luz entre troncos. O feixe varreu o mato como dedo acusador. Passou perto uma vez. Passou de novo.

Ávila segurou a respiração com força enquanto o homem ao lado dele tremia.

Joaquim sabia: se a lanterna os encontrasse, seriam caçados como animais. Se atirassem cedo demais, alertariam outros postos. Se recuassem, voltariam de mãos vazias e com homens doentes esperando água e comida que não viriam.

A decisão perigosa, agora, pedia uma lâmina mais afiada do que coragem: pedia estratégia.

Ele se inclinou e sussurrou:

— Quando eu assobiar... corram pra carroça. Peguem o que der. E

sumam pelo arroio. Sem heroísmo.

Ávila assentiu, a mandíbula travada.

A lanterna veio de novo passando ainda mais perto do grupo.

Joaquim apertou os olhos, sentiu o vento, e soltou um assobio curto, não alto, mas nítido, como comando de cavalo.

O grupo explodiu em movimento.

Sacos foram arrancados em desordem e desespero. Alguém tropeçou no escuro e ouviu-se o inimigo gritando em espanhol. Um tiro estourou e rasgou a noite. Outro, em seguida, respondeu. A missão de reconhecimento virava confusão de sacos saqueados, pancadas e corrida de sobrevivência.

Joaquim puxou o gateado e lançou o cavalo em disparada curta, controlada, para cobrir a retirada evitando o combate. Um disparo passou zunindo, e o cavalo relinchou, mas não desesperou. Joaquim sentiu o animal tensionar e falou baixo, firme, como se falasse com um irmão:

— Vai... vai... vai...

Ávila correu com um saco no ombro, pesado, xingando entre dentes. Não era uma missão bonita, mas sim humana. Uma missão necessária.

O arroio apareceu em uma linha mais escura ainda contra o escuro da noite. Desceram pelo barranco, escorregando e molhando as botas e as pernas, mas a água gelada era bênção ao mesmo tempo que perigo pois a corrente abafou sons e apagou rastros.

Quando finalmente se afastaram o suficiente para respirar, o grupo caiu no chão, ofegante, coberto de barro, mas também de vida. Um dos

homens tinha um corte no braço. Outro sangrava na testa. Mas estavam vivos. E tinham sacos, que ainda não tiveram a chance de saber o que guardavam.

Joaquim abriu um dos sacos com dedos trêmulos, deu uma cheirada. Farinha. E aquilo, na guerra, era como ouro.

Ávila riu sem som, um riso cansado, meio feroz.

— Tu vê? — disse. — A gente virou ladrão de comida.

— A gente virou soldado de verdade — Joaquim respondeu. — Porque soldado vive do que acha... e do que aguenta.

\*

Voltaram antes do amanhecer, trazendo o que conseguiram, trazendo também o risco. Se fossem pegos, Nascimento faria deles exemplo. Mas se não voltassem, a unidade murcharia como fogo sem lenha.

Quando entraram no perímetro, o acampamento ainda dormia mal. Era uma mistura de tosses e gemidos. O som de homens quebrados.

Eles distribuíram parte do que trouxeram aos mais febris, pequenas porções, como se alimentassem filhotes de passarinhos. E para a água, marcaram um ponto mais seguro do arroio, onde a corrente era menos suspeita, não era uma garantia, mas esperança com método.

A unidade respirou um pouco melhor.

Só que nenhum desafio ao ferro passa sem resposta.

Ao longe, entre as barracas e a penumbra, Joaquim viu Nascimento observando. Não sabia há quanto tempo. Não sabia se alguém denunciara. Mas viu o olhar do oficial e o que esse olhar dizia: *eu sei que você se moveu*

*fora da minha sombra.*

A guerra contra o Paraguai seguia. Uruguaiana ardia. O Rio Uruguai carregava barcos e sangue e destino. E dentro do próprio exército, outra guerra se desenhava: a guerra entre homens que querem viver... e homens que preferem mandar.

Joaquim encontrou os olhos de Ávila.

— Agora ele vai vir. — Ávila falou, sem dramatizar.

— Que venha. — Joaquim respondeu. — Eu aprendi a cair pra frente.

E, enquanto o céu clareava em cinza pálido, a coluna se preparava para avançar de novo rumo às chamas, porque naquela campanha, ninguém tinha tempo para estar inteiro. Só tinha tempo para estar de pé.

## **CAPÍTULO 05**

### **A ÚLTIMA FOGUEIRA DO SUL**

## A ÚLTIMA FOGUEIRA DO SUL

A primeira rajada de vento daquela manhã trouxe cinza.

Não cinza de nuvem, cinza de casa queimada, de madeira estourada, de pólvora que mastiga o ar. Uruguaiana, ao longe, parecia um braseiro cravado na planície: colunas de fumaça subindo como serpentes, o horizonte tremendo sob calor e medo.

O exército da Tríplice Aliança se arrastou para a posição como uma criatura enorme e cansada, feita de homens e cavalos, canhões e pragas, fome e disciplina. À margem, o Rio Uruguai corria escuro como ferro líquido; ao lado dele, embarcações acompanhavam o movimento e o rio, que antes fora estrada, agora parecia um abismo esperando vítimas.

Joaquim Chagas sentiu o gateado sob si, tenso, farejando o terror. O animal não entendia bandeiras, mas entendia o cheiro da morte. Joaquim passou a mão no pescoço do cavalo e sussurrou:

— Hoje a gente corre, companheiro. Corre para a morte ou para a vitória.

Ávila estava ao seu lado, mal assentado na montaria, rosto fechado e olhos que já tinham visto coisa demais para ainda se espantar com o mundo. Ainda assim, quando ele olhou Uruguaiana ardendo, a voz saiu como pedra:

— Isso aí não é uma cidade. É a boca do inferno.

E então veio o primeiro comando.

— Avançar!

Não foi apenas um grito; foi uma sentença friamente imposta.

\*

O chão tremia com os canhões, e a fumaça tornava o sol um disco pálido, como um olho de algum deus cansado. Os tiros rasgavam o ar, o som parecia com o de árvores partindo. Entre as fileiras, homens corriam e se jogavam, levantavam e caíam novamente, como se uma mão invisível os puxasse pelas pernas.

Os paraguaios resistiam com fúria de quem já não tem outro destino além de aniquilar. As ruínas serviam de muralha, as ruas viravam corredores de emboscada. A cada esquina, a guerra cobrava sua moeda.

E o rio... o rio também entrou na batalha.

As embarcações avançaram como sombras armadas, trazendo reforço, munição, e esperança em forma de madeira e ferro. Mas esperança flutua mal quando o inimigo tem pólvora e mira. Um estrondo sacudiu a água e uma embarcação tomou um golpe que abriu seu ventre. O barco gemeu como bicho ferido, inclinou-se, e homens pularam como se pular fosse salvação.

A água engoliu alguns de uma vez, os recebendo com fome. Outros nadaram com os olhos arregalados, as mãos cortando o rio energicamente, desafiando a correnteza e o próprio destino. E o Uruguai ficou agitado, como se tivesse bebido o que não queria beber.

Joaquim viu aquilo com o estômago travando. Terra e água, céu e barro, tudo parecia conspirar para o mesmo fim.

O combate tomou o dia.

O vento levantava fumaça e a derrubava sobre os homens. Em

certos instantes, era como lutar dentro de um sonho ruim: sombras surgiam e desapareciam, gritos vinham de todos os lados, e a linha entre amigo e inimigo parecia uma corda fina demais para sustentar a vida.

Ávila, apesar do desconforto na sela, lutava como se tivesse nascido para o caos. Ele desceu do cavalo cedo, preferindo o chão ao balanço que o traía. Com o rifle na mão e a faca na cintura, seguia Joaquim por entre valas e escombros, como um cão de guerra que escolhe seu parceiro e não larga.

A noite caiu... e a batalha não terminou.

Quando escureceu, Uruguaiana virou outra coisa: um labirinto de fogo e sombras dançantes, onde cada luz era isca, e cada ruído podia ser a morte espreitando. O frio do inverno se misturava ao calor das chamas e essa mistura fazia o corpo acreditar que estava fora do próprio mundo.

Foi no meio da noite que a sorte de Ávila virou.

Eles avançavam por uma rua estreita, ladeada por paredes partidas, quando um clarão e um impacto os atingiram como martelo. Joaquim sentiu a explosão no peito antes de entender com a mente. O barulho fez os ouvidos zumbirem como uma colmeia de maribondos nervosos. E então ouviu o grito de Ávila, um grito que não era de bravura nem de raiva, era o grito puro e cru, vindo do âmago de um ser arruinado.

— Minha cara!

Joaquim se virou e o viu cair de joelhos. O rosto de Ávila era uma máscara partida: um dos olhos era uma massa horrenda perfurada por um estilhaço, o sangue escorrendo escuro e fumegando, quente contra o frio da noite. O braço direito tremia e, quando Joaquim tentou segurá-lo, sentiu

o vazio onde deveriam estar os dedos. A guerra havia mordido a mão de seu amigo e cuspidos os ossos como restos indesejados.

Essa visão sanguinolenta de seu amigo e companheiro ameaçou arrancar o chão debaixo de Joaquim.

Mas não havia tempo para vertigem.

— Fica comigo! — Joaquim rosou, puxando Ávila pelo casaco e arrastando-o para trás de uma parede baixa. — Olha pra mim, desgraça! Olha pra mim!

Ávila tentou se controlar e usar o riso como escudo, mas falhou. A voz saiu como sopro:

— Agora... eu tô vendo menos... mas ainda tô vendo tua cara feia.

Joaquim não conseguiu rir da troça do amigo, seu rosto era uma máscara raivosa e determinada. Sua mente não registrava, seu corpo só agia. Rasgou um pedaço de pano de qualquer parte de seu uniforme já esfarrapado e apertou contra o ferimento do olho de Ávila, apesar dos gritos de dor que ecoaram no meio do caos da batalha. Amarrou com força o curativo improvisado em volta do estilhaço e da carne destrocada do amigo.

Depois, olhou para a mão, não havia como negar o que já tinha sido arrancado. Fez um torniquete no pulso do amigo, apertando até Ávila ranger os dentes. O amigo não implorou; só respirou como quem escala uma montanha correndo.

Ao redor, a batalha rugia.

E como se o destino quisesse cobrar mais, Joaquim foi atingido.

Um corte profundo abriu sua perna, não uma perfuração limpa, mas

um rasgo que queimou na hora, como se a lâmina tivesse sido aquecida no inferno. Ele cambaleou, mordeu a própria dor e se manteve em pé por puro ódio ao mundo.

— Tu tá sangrando! — Ávila, meio cego, ainda enxergava o essencial.

— Eu ainda tô andando — Joaquim respondeu. — E isso basta.  
Foi quando viram Nascimento.

O Tenente-Coronel Severo do Nascimento estava mais à frente, montado, tentando reorganizar uma linha quebrada sob fogo. O homem parecia feito de ferro e vaidade até o instante em que o caos escolheu seu alvo.

Um cavalo, atingido ou enlouquecido, caiu pesadamente. Não foi queda bonita, o animal agitava as patas com desespero e o seu grito era um tormento. Nesse momento, Nascimento estava no lugar errado, mas hora certa para a desgraça.

O animal tombou sobre ele como uma muralha viva. Houve um som curto, o tipo de som que não precisa de explicação. Depois, nada além de movimento desesperado e gritos ao redor.

Joaquim viu e não sentiu alegria, apenas uma frieza de quem percebe uma dívida sendo paga, a conta chegando ao devedor.

Ávila, com o rosto encharcado de sangue, murmurou:

— O mundo cobra... até dos que acham que mandam nele.

\*

A madrugada chegou devagar, como bicho cauteloso. E com ela veio a realidade: aquela posição estava se tornando uma armadilha. O

inimigo recuava em certos pontos e avançava em outros, como maré enlouquecida. Homens se perdiam, unidades se desfaziam, e a noite engolia os que gritavam por ajuda.

Joaquim decidiu.

Não esperou ordem. Não pediu permissão ao destino.

— A gente sai agora. — Ele se inclinou e puxou Ávila pelos ombros. — Eu te levo nem que eu arraste minha própria perna junto.

Ávila tentou resistir com o orgulho ferido. Mas a dor o traiu, e o corpo cedeu aos desígnios dela.

Joaquim chamou o gateado com um assobio curto. O cavalo surgiu como de uma sombra, fiel, tremendo, mas inteiro. Joaquim puxou Ávila para cima da sela com esforço brutal. Depois montou com dificuldade, a perna rasgada queimando, e conduziu o animal como quem guia um barco em uma tempestade: firme, tenso, sem margem para erro.

Eles atravessaram corredores de fumaça, passaram por homens caídos, desviaram de fogo e gritos. A cada passo, Joaquim sentia o sangue escorrer por dentro da bota. A cada passo, pensava: *se cair, cai pra frente*.

Quando o primeiro sinal pálido do amanhecer tocou o céu, eles estavam fora do pior perigo, da batalha enlouquecida. Não estavam completamente seguros, mas estavam vivos.

A batalha tinha durado um dia e uma noite, mas para aqueles que peleavam nela parecia ter durado uma vida inteira.

Eles ainda não sabiam, ninguém ali sabia coisa alguma com clareza. Mas rumores começaram a chegar como folhas levadas pelo vento: que a Tríplice Aliança havia vencido em diversos pontos, que o Paraguai

estava sendo esmagado de maneira inexorável, que as rotas e as forças iam sendo quebradas como ossos antigos.

E então, como se o mundo tivesse decidido encerrar um capítulo com um último golpe, espalhou-se a ideia: que Uruguaiana teria sido a última grande batalha.

Os mensageiros falavam de um Paraguai destruído, de vilas arrasadas, de uma população quase dizimada, de fome e abandono, de um país que parecia ter sido moído entre engrenagens de impérios. Eram relatos que chegavam aos pedaços, exagerados aqui, precisos ali, mas todos carregavam o mesmo sussurro. Porém, nada do que restou parecia vitória para a gente comum.

Joaquim, deitado sobre palha, em um dos poucos galpões que sobreviveram à guerra, sentiu a febre da perna ameaçar subir. Ávila, ao lado, respirava com dificuldade, enfaixado e mutilado. Joaquim pensava em tudo o que lhe ocorrera desde o início da sua marcha, mas não encontrava sentido em nada sobre a guerra. Encontrava apenas uma pergunta repetida como martelo:

Por quê?

Cinco noites depois da batalha, o vento mudou. Não era o calor, mas a promessa de uma primavera. O inverno deu sinais de trégua, e o céu, por instantes, deixou um azul pálido aparecer entre as nuvens.

Foi nesse tempo de respiro que chegaram os missionários.

Vieram em comitiva, acompanhados por índios locais, trazendo carroças com comida, mantas, ervas para feridas, e um tipo de compaixão que parecia coisa de outro mundo. O cheiro de caldo quente e pão (pão de

verdade, não pedra) atravessou o acampamento como um feitiço.

Homens choraram ao ver comida de verdade. Não choraram por fome apenas, choraram porque alguém, enfim, os tratava como humanos.

Joaquim ajudou a alimentar Ávila, que tentava segurar a colher com a mão canhota, a única que sobrara. O amigo praguejava entre dentes, mas com uma centelha de riso.

— Agora... eu ao menos vou aprender a comer devagar. — disse Ávila.

Nos dias que se seguiram, houve descanso verdadeiro pela primeira vez desde Porto Alegre. Feridas foram limpas. Febres vigiadas. Mortos enterrados com o pouco de dignidade que restava. E então chegou um general, dessa vez não trazia gritos, e sim papel.

Tratava-se de uma carta com selo e palavras que pareciam grandes demais e limpas demais para tanta lama: liberdade e perdão para os sobreviventes condenados. E, como símbolo, uma moeda de prata para cada um, não como pagamento justo, mas como gesto, como tentativa de dizer “o Império reconhece... ao menos em parte”.

Chamaram os homens, os poucos que ainda restavam. E ali veio o número, frio como toda estatística e pesado como a lápide que se assenta em um túmulo: sessenta e três.

De mil, restavam apenas sessenta e três.

Joaquim ouviu o número e sentiu um buraco abrir por dentro. Não porque se surpreendesse, mas porque números às vezes dizem o que a mente tenta negar. *A guerra não é batalha, é triturador.*

Ele recebeu o papel com mãos que ainda tremiam. Recebeu a prata

que brilhou pálida sob o céu do sul. E, mais uma vez uma imagem encheu a sua mente. Viu Isabel na Rua da Praia viu o forno e sentiu o seu calor. Havia uma chance, uma vida possível.

Mas nem todos aplaudiram.

Uma parte dos soldados regulares olhava com desprezo. Para eles, aqueles sobreviventes eram ainda “bandidos”, ainda “condenados”, ainda “gente que não merece perdão”. Sussurravam ofensas como quem cospe no chão. Alguns diziam que era injusto dar liberdade a quem “devia apodrecer”.

Joaquim ouviu e não respondeu. Era da sua natureza, afinal, tratar com silêncio a grosseria dos outros.

Ele já tinha aprendido que certas pessoas preferem odiar porque o ódio é mais fácil do que admitir que o mundo é complexo. Preferem apontar o dedo do que encarar o próprio medo.

Ávila, com um olho só e a mão incompleta, soltou um riso rouco:

— Tá vendo? A gente sobreviveu ao Paraguai... e ainda tem que sobreviver aos santos de farda.

Joaquim guardou a moeda e o papel. Guardou também uma raiva calma, não aquela raiva que explode, mas a que sustenta. Olhou para o horizonte onde Uruguaiana ainda fumegava como cicatriz aberta e pensou:

*Se isso foi vitória... então vitória é uma palavra doente.*

E ainda assim... havia algo.

Havia o vento menos cruel.

Havia o cheiro de comida quente.

Havia o papel do perdão como chave.

Havia um cavalo fiel.

Havia um amigo vivo, ainda que quebrado, mas vivo.

E havia, no peito de Joaquim Chagas, aquela promessa antiga que não morria: voltar.

Ele se levantou com dificuldade, a perna ainda ardendo, e estendeu a mão para Ávila.

— Vem. — disse. — A estrada agora é outra.

Ávila olhou a mão de Joaquim como se olhasse uma ponte.

— Pra onde? — perguntou.

Joaquim virou o rosto para o vento e respondeu como quem fala com o destino:

— Pra casa.

— E pra quem a gente ama.

E os dois, condenados que atravessaram o inferno e saíram do outro lado com cicatrizes que pareciam linhas e um mapa que contava a história da guerra, começaram a caminhar, não como heróis celebrados, mas como sobreviventes teimosos.

Porque o mundo pode negar reconhecimento. Mas não pode negar que eles continuavam de pé.

E a jornada para casa, se iniciava...

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aliança 35, 90

Amor, 24, 25

Argentina, 35, 66

Armas, 18, 23, 39

Ávila, 34, 39, 43, 56, 61, 74,

78, 87, 89, 94

### B

Batalha, 57, 87, 90

Brasil, 35, 66

### C

Cárcere, 33, 40

Cavalos, 17, 18, 23, 78, 89, 94

Cidade, 17, 20, 25

Condenados, 39, 40, 61

### D

Decreto dos Voluntários da

Pátria, 35, 78

Doença, 74

### E

Exército, 18, 35, 39, 57, 66

### F

Febre, 74

Filho do Minuano, 1, 12, 16, 17

]Fome, 39, 66, 78 Fronteira, 20,

23

### G

Guaíba, 17, 19, 20, 24, 26, 39

Guerra do Paraguai, 10, 24, 35

**I**

Ilha das Pedras Brancas, 33, 34,  
44

Império, 35, 39

Isabel, 24, 25, 26, 34, 78

**J**

Joaquim Chagas, 17, 18, 24,  
40, 56, 74, 87, 89, 94

**M**

Marcha, 35, 44, 66, 74

Mercador de cavalos, 17, 18,  
19, 20

Minuano, 17 Morte, 19, 61, 78,  
87

**O**

Órfão, 18, 24

**P**

Paraguai, 35, 90

Pátria, 35

Perdão, 34, 39, 61, 78

Porto Alegre, 17, 19, 20, 35,  
39, 43

Prisioneiros, 39, 43, 61

**R**

Reconhecimento, 35, 78, 94

Rio Grande do Sul, 43

Rio Uruguai, 57, 61, 66

Rua da Praia, 24, 25, 26

## S

São Borja, 43

Sobrevivência, 56, 78

## U

Uruguaiana, 87

Uruguai, 35, 66

## V

Vento, 17, 19, 20, 23, 24, 43,  
78, 94

Voluntários da Pátria, 35

# FILHO DO MINUANO

1ª Edição

Revista REASE chancelada pela Editora Arché.  
São Paulo- SP.

Telefone: +55(11) 5107- 0941

<https://periodicorease.pro.br>

[contato@periodicorease.pro.br](mailto:contato@periodicorease.pro.br)

# FILHO DO MINUANO

ISBN: 978-65-6054-346-1

**BL**



9 786560 543461